

# REVISTA ESTRANGEIRA.

JORNAL MENSAL.



Desfiladeiro na serra nevada.

# INTRODUÇÃO.

**S**e o apparecimento de um jornal litterario em Portugal é um acontecimento notavel, a sua duração é quasi um milagre! — No curto espaço de meia duzia de annos têm visto a luz centenaes de publicações d'estas, e poucas d'ellas figuram ainda entre o pequeno numero das que ao presente existem. — Algumas têm saído dos prelos cheias de promessas para o futuro, cheias de esperanças viçosas, e têm, comtudo, desaparecido em pouco, semelhantes, na sua curta passagem no mundo litterario, aos meteoros que n'uma noite suave d'estio brilham um instante no firmamento, e deixam apenas nos olhos deslumbrados uma imagem scintillante do seu ephemero brilho.

As causas, que cortam pelas raizes essas plantas apenas nascidas da nossa litteratura, não as sabemos nós. — O mau fado, porém, que persegue as publicações periodicas portuguezas, é já proverbial.

A REVISTA ESTRANGEIRA sae, por conse-

quencia, dos prelos entre presagios funestos, e a voz dos prophetas litterarios annuncia-lhe desde já o abandono do publico, d'esse juiz severo, que poucas vezes poupa quem o engana.

A REVISTA ESTRANGEIRA não engana, porém, pessoa alguma. O prospecto, que a annunciou, corre ainda por ahi — e o seu primeiro numero apparece hoje, para ser julgado em presença d'elle.

Regularidade na publicação, affiançámos nós. — Quando essa regularidade faltar, é porque o jornal morreu. — Quanto a promessas de melhoramentos, não as fazemos; se o publico corresponder, como firmemente esperámos, aos esforços da empreza, nada se poupará para dar o maior desenvolvimento possível à REVISTA ESTRANGEIRA. — Se nos enganarmos, a culpa não será nossa; mas a pobre REVISTA ha de seguir a sorte dos seus irmãos finados, porque não póde viver de esperanças e de bons desejos.



# ALHAMBRA.

## CONTOS DE GRANADA.

**E** pena que as proporções acanhadas do jornal que promettemos ao publico, nos não permittam inserir por extenso o magnifico volume escripto debaixo d'este titulo pelo celebre americano Washington Irving. — O auctor, reunindo á curiosidade de viajante a imaginação ardente do poeta, dá vida a tudo o que descreve, e resuscita todas as tradições. Depois de contar a sua saída de Sevilha na companhia de um amigo seu, secretario da legação russa em Madrid, depois de se demorar em milhares de graciosos incidentes do caminho, avista enfim a cidade onde se dirigia; d'este ponto em diante seguiremos á letra o texto da sua obra, e será a melhor maneira de prender a attenção dos leitores.

A entrada de Granada é formada por uma avenida deliciosa entre balsas de *aloés* e de *bananeiras*; a estrada passa a través de culturas da maior belleza: vêem-se por toda a parte jardins, pomares, sombras fresquissimas, perfumes, flores e fructos até ás portas de Granada, onde chegámos antes do pôr do sol.

A vista d'Alhambra produz sobre o poeta viajante a mesma veneração, que aos peregrinos do Oriente inspiram os restos sagrados do Islamismo. Quem poderia contar todas as lembranças historicas, todas as fabulas maravilhosas de que foi berço este palacio da gloria arabe, e de que conserva vestigios, apesar mesmo dos esforços do tempo?

Imagine, pois, o leitor tudo o que nós experimentaríamos, quando o governador d'Alhambra, depois de ter examinado os nossos passaportes, nos offereceu um dos seus quartos no recinto da morada dos reis mouros.

Empreguei um cuidado quasi religioso em colligir as principaes tradições que contêm este tumulo das antigas edades. Cada linha das minhas narrações foi escripta sobre os pavimentos de marmore que ainda existem, depois de terem desaparecido tantos homens grandes que os pisaram!

A primeira noite que passámos n'aquella solidão real, as sombras dos Abencerrages vagueavam, sem duvida, em tórno de nós, porque vimos despontar o dia sem somno, e cheios de commoção e de respeito.

Ha tres logares no mundo, á vista dos quaes o homem d'agora deve curvar a fronte: — Jerusalem — Santa Helena — e Alhambra.

Na primeira origem o palacio d'Alhambra foi uma fortaleza, d'onde os reis mouros estendiam os olhos ao longe, quanto a vista pôde alcançar, por uma terra abençoada pelo céu, que a conquista barbara lhes havia dado, e que uma conquista christã lhes tirou.

O palacio actual occupa apenas uma parte do antigo castello, cujas muralhas amealhadas seguem, serpenteando, a encosta sinuosa de uma collina, que por um lado domina Granada, e pelo outro se prende aos cumes da Serra Nevada.

No tempo dos arabes, Alhambra podia receber quarenta mil soldados. O seu recinto foi muitas vezes o asylo dos reis mouros contra a revolta dos seus subditos. Quando Granada caiu, por meio da guerra, em poder da Hespanha christã, Alhambra não deixou de ser a morada dos reis, e os príncipes de Castella gostaram d'aquella residencia. Carlos V lançou dentro dos seus muros os alicerces de um palacio magnifico; mas os amiudados

tremores de terra obrigaram-no a renunciar aquelle projecto. Filippe V e a bella Isabel de Parma foram os ultimos soberanos, que habitaram a Alhambra. Tomaram posse d'ella com todo o apparato da magnificencia real; fizeram-se numerosas reparações; o palacio e os jardins foram renovados com grande custo; e artistas, mandados vir da Italia, foram encarregados do ornato das novas fabricas, que Filippe V mandou levantar. Quando, porém, este principe a abandonou, Alhambra tornou-se uma tristissima solidão; os ornamentos passageiros, que para alli trouxera o luxo das côrtes, perderam-se depressa com a residencia da tropa, primeiro e ultimo destino d'este monumento. Um governador, nomeado pelo rei, veio morar alli; a sua auctoridade, independente da capitania geral de Granada, exercia-se até aos arrabaldes da cidade. Os quartos, que formam a frente do palacio velho, eram destinados para sua habitação; em volta d'elle tumultuava uma guarnição formidável, e só apparecia em Granada com uma guarda numerosa. A fortaleza d'Alhambra dava ares interiormente de uma cidade pequena, com os seus muros, uma praça d'armas, e até com um convento e uma igreja.

A saída da côrte de Isabel de Parma matou as magnificencias d'Alhambra. As suas salas esplendidas, gretadas pelo tempo, caíram pouco a pouco em ruinas; os seus jardins magicos foram devastados pela soldadesca; os repuxos destruidos, e as fontes de alabastro deixaram de deitar agua. A todas estas miserias, fructo do desleixo, juntou-se a irrupção de um pequeno povo abjecto, sem ter nem haver, que, debaixo de mil pretextos, conseguiu invadir e apropriar-se a pouco e pouco das extremidades desertas dos edificios. O mal foi progredindo, como uma gangrena. Os contrabandistas escapavam alli á justiça de Granada, e fizeram d'este ponto um logar d'asylo para proteger as suas manobras e o fructo das suas expedições; a maleficencia de toda a casta, ajudada pelo tempo, estabeleceu n'aquelle local o seu quartel general, d'onde os seus agentes, com a certeza de ter um couto, saiam para infestar as vizinhanças de Granada. Foi preciso vir um dia a força publica varrer aquelle covil de bandidos audazes. O interior d'Alhambra foi es-

quadrinhado por toda a parte: todos os que lá foram apanhados, tiveram que dar conta minuciosa de todas as suas acções. O direito de residencia foi unicamente concedido a algumas pessoas uteis ao serviço d'aquelle propriedade do estado, e as habitações superfluas foram demolidas; ficou apenas uma parte dos edificios com destino determinado, e o convento e a igreja de que fallei ha pouco.

Por occasião das ultimas guerras da Peninsula, o exercito francez occupou Granada, e alojou tropas em Alhambra. O commandante militar da provincia residia no palacio, e é ao gosto, que distingue eminentemente o povo francez, que a Hespanha deve agradecer tudo o que recorda ainda hoje o esplendor dos reis mouros. Fez-se ainda mais do que respeitar: concertaram-se os telhados, levantou-se a parte das salas que exigia um soccorro prompto, alguns tapumes a proposito pozeram as galerias ao abrigo das injurias do tempo, e do vandalismo dos ignorantes; os soldados começaram a limpar e cultivar os jardins, desentupiram os canos da agua, e a guarnição franceza mereceu gozar ainda de uma amostra do espectaculo das velhas magnificencias do seculo arabe. Em uma palavra, se Alhambra está hoje de pé, a Hespanha deve-o á França.

Por occasião da sua retirada, os generaes de Napoleão tinham ordem de desmantelar as fortificações das praças que deixavam. A engenharia fez ir pelos ares muitas torres contiguas á muralha exterior. A contar d'esta epocha, Alhambra nunca mais teve importancia militar; a sua guarda foi confiada a um diminuto numero de soldados invalidos, cuja vigilancia se limita a algumas pequenas torres, que ainda existem, e que servem rarissimas vezes de prisão do estado: outros tempos, outros costumes. O governador actual d'Alhambra só lá mora em quanto duram os dias amenos; prefere a residencia de Granada, onde as suas relações são mais faceis, e principalmente mais agradaveis. Não devo terminar estas notas, sem prestar homenagem ás qualidades preciosas d'aquelle governador, D. Francisco de Serma. Funcionario esclarecido, emprega todos os meios de que pôde dispor, para demorar, quanto possivel, a decadencia do monumento que lhe foi confiado. Se todos os governado-

res, que o precederam n'este cargo, tivessem tido o mesmo zêlo por uma obra tão honrosa, a Alhambra conservaria ainda hoje quasi completa a sua magestade primitiva; mas é na verdade para lastimar, que, n'um paiz civilisado, o governo preste tão pouco cuidado á conservação das suas antiguidades nacionaes. — Um dia virá em que na Hespanha se encontrarão, viajando, homens de estado, sabios e artistas de todos os cantos da Europa. A sua historia é muito gloriosa, e deve por isso mesmo ufanar-se com altivez dos monumentos que a comprovam.

Não se deve esperar, que eu descreva minuciosamente a Alhambra. Este palacio tem sido tantas vezes o objecto de narrações de escriptores muito distinctos, que me resumirei a despertar, por assim dizer, a memoria do leitor por meio de um esboço ligeiro.

Na manhã immediata á nossa chegada a Granada, saímos da hospedaria de Espada, e atravessando os bairros de *Rivarrambla*, e do *Zacaten*, o antigo bazar dos mouros, e depois a praça em que existe a capitania geral, saímos por uma rua estreita e muito ingreme, cujo nome data dos dias florescentes do velho reino de Granada — a *Calle* ou rua dos *Gameras* (nome de uma tribu arabe, celebre nos romanceiros), desemboca n'um vasto portal de estylo grego, e que serve de entrada ás dependencias d'Alhambra.

Em vez dos *Zégris* e dos *Abencerrages*, que nos teriam recebido alguns seculos mais cedo, achámos dois ou tres soldados velhos de caras enrugadas, sentados n'uma pedra: um homem coberto de miseraveis farrapos, que conversava com uma sentinella de cabello russo, veio ao nosso encontro, e se offereceu para nos conduzir a toda a parte em que as ruinas offerecessem qualquer cousa curiosa digna de visitar-se.

Nunca pude vencer uma repugnancia instinctiva para tudo o que cheira a cicerone mercenario, e o exterior d'este não contribuia muito para o considerar de diferente maneira.

— Meu amigo, disse-lhe eu, conheceis perfeitamente todas as partes d'este edificio?

— Ninguem poderia dar-vos ácerca d'elle melhores informações, porque, tal como me vêdes, sou filho d'Alhambra.

A estas palavras, pronunciadas com uma

emphase singular, passei a olhar de novo para o vestuario do homem que nos fallava; não sei o que se operou em mim, mas os farrapos que o cobriam me pareceram repentinamente dignos de respeito: via unicamente n'aquelle individuo o cunho da desgraça; a pobreza do trage era digna da ruina que lhe dava abrigo. Fiz-lhe delicadamente algumas perguntas, e as respostas, que me deu, esclareceram-me ácerca do direito de que muito legitimamente se apropriava. A sua familia, segundo elle dizia, habitava de paes a filhos as casa-matas d'Alhambra, desde a epocha da conquista christã, chamava-se *Mattheus Ximenes*.

— Serieis tambem, por acaso, descendente do celebre cardeal?

— Deus é que o sabe, senhor, replicou o meu homem; demais, n'isso nada haveria para admirar, sou de uma raça de christãos velhos, dos mais antigos que viveram em Granada. Lembra-me que descendo de uma grande familia d'outro tempo; mas pelo que toca ao nome, esqueceu-me completamente; meu pae pôde talvez dizer-vos muito mais do que eu, porque guarda cuidadosamente lá em cima o escudo dos nossos antepassados, pendurado na chaminé da nossa choupana.

Admirei o sangue frio do meu interlocutor, e pensando bem, não devia surprender-me, porque desafio a quem me ache um hespanhol, por mais pobre que seja, que não pretenda ser de origem nobre; todavia, o modo cavalheiresco por que o desconhecido se appellidou, tinha-me seduzido logo, e convidei o filho d'Alhambra a fazer-nos as honras do passeio.

Uma avenida muito ingreme, guarnecida de balseiras de verdura fresquissima, atravessa primeiro uma quebrada profunda; carreiros desenhados caprichosamente de mil modos, ornados de fontes, hoje seccas, cortam a quebrada em todas as direcções, e vem unir-se á estrada por milhares de ramos. As torres exteriores d'Alhambra elevam-se á esquerda por cima de nós; á direita, no lado opposto, as *torres vermelhas* surgem dos rochedos a alturas eguaes. Estas torres são chamadas assim, por causa da côr avermelhada que têm; a sua origem perde-se na noite dos tempos; suppõem-se de uma data muito anterior á d'Alhambra.

Alguns historiadores attribuem esta obra

aos romanos; outros suppõem-a levantada por alguma colonia nomade de Phenicios.

Na extremidade da avenida, que acabamos de subir, ergue-se uma torre quadrada, é a entrada principal do castello. Um soldado invalido alli estava gravemente de sentinella, em quanto os seus camaradas, estendidos nos bancos de pedra, dormiam deitados nos capotes. Esta saida é chamada — Porta da Justiça — porque nos bancos que a avizinham se assentava n'outro tempo o magistrado que desempenhava entre os mouros funcções analogas ás de juiz de paz: este velho costume dos paizes orientaes sobe á mais remota antiguidade, acham-se mesmo na Biblia vestigios d'elle.

Uma arcada minuciosa em fórma de ferradura, e que se eleva quasi a meio da altura da torre quadrada, serve de vestibulo. Na chave da abobada exterior distingue-se uma esculptura, que representa uma mão, e a pedra que lhe corresponde no interior, conserva vestigios de uma chave de eguaes dimensões.

Os sabios, que se crêem iniciados nos segredos da *symbolica* musulmana, vêem na mão o emblema da doutrina, e na chave o da fé; pretendem que o mesmo signal marcava as bandeiras dos mouros que conquistaram a Andaluzia. Seja como fôr, Mattheus Ximenes explicou a cousa por outra maneira.

Segundo uma tradição oral, conservada de geração em geração na sua familia, desde um tempo quasi immemorial, a mão e a chave pareciam-lhe, segundo nos disse, duas figuras cabalisticas, que guardavam o segredo dos destinos futuros d'Alhambra. O rei mouro, que lançou os alicerces d'este edificio, havia-o collocado debaixo da protecção de um poder magico, que o preservou por muitos seculos dos tremores de terra, que abalam com tanta frequencia o sólo do Meio-dia da Hespanha. O povo ainda hoje crê, que o encanto, que guarda Alhambra, perderá a virtude quando a mão de pedra se abaixar até tocar na chave. Então todo o edificio se desmoronará com estrondo medonho, e os seus restos deixarão descobertos os thesouros riquissimos que os reis mouros alli esconderam.

Apesar d'esta predicção terrivel, a que dava ainda mais pêsso o ar sinistro do nosso guia,

passámos com toda a coragem, por baixo da abobada enfeitada, premunidos contra os insultos do diabo, pelo aspecto protector de uma estatua da Virgem, esculpida grosseiramente por cima do frontão da porta.

Um corredor estreito, aberto entre duas paredes muito proximas, conduziu-nos, depois de muitas voltas, a um largo interior, chamado — Praça das Cisternas — por causa dos vastos reservatorios cavados no granito, por cima dos quaes se estende; nota-se no centro um poço profundissimo, cuja agua tem uma pureza e transparencia admiraveis; todos sabem o extremoso cuidado, que os povos arabes consagravam á escolha d'este elemento.

Defronte da Praça das Cisternas, vê-se o palacio começado por Carlos V, e cujas magnificencias deviam, ao que se dizia, exceder as mais bellas creações da arte mourisca; mas os restos, que subsistem d'esse trabalho, estão muito longe de corresponder aos planos ambiciosos do fundador; nada prende a attenção n'aquelle palacio no principio, e passando por elle, quasi mesmo sem lhe lançar os olhos, apressamo-nos a passar o portal de macieça simplicidade, que conduz ás salas da velha Alhambra.

Pareceu-nos que atraz de nós acabava de repente de se abysmar um mundo; o presente desapareceu como um relampago, e os velhos seculos, surgindo da poeira, nos convidavam, como por encanto, para as grandes scenas da historia arabe.

Acabavamos de entrar n'um vasto pateo lageado de marmore, e ornado em cada extremidade por um gracioso peristyllo mourisco. Este pateo, chamado *Alberca* (pateo de viveiro grande) tinha no centro um tanque de trinta pés de comprimento, cheio de peixes raros, e cercado de uma linha de roseiras, que lhe fazia como um cinto de verdura. A extremidade superior de Alberca terminava pela torre de *Comarés*.

Um corredor de abobada no lado opposto d'esta torre nos introduziu no *Pateo dos Leões*; é de todo o palacio a parte que tem soffrido menos com a passagem dos seculos. No meio ergue-se a fonte famosa, cujo nome tem conservado a historia e as tradições populares. Os doze leões ainda não deixaram de lançar a sua agua limpida nas conchas de ala-

bastro, como no tempo do rei Boahdil. O pateo, disposto em jardim, é fecho por uma galeria formada por elegantes arcadas primorosamente abertas com uma lindíssima renda de pedra, que parece a capricho enlaçada aos columnelos de marmore branco. O cunho da architectura arabe tem, em geral, mais elegancia do que grandeza; está em harmonia com os gostos da sua epocha para as delicadezas refinadas da vida pensativa dos harens; e nos nossos dias, ao olhar a través d'esses arabescos de desenhos tão ousados e tão maravilhosos, que mais parecem uma obra de fadas, custa realmente a crêr como é que tantas lembranças preciosas da arte oriental têm podido resistir por tantos seculos ás convulsões de um terreno volcanico, á acção do tempo, e, mais que tudo, em os ultimos annos da nossa historia, á pilhagem dos soldados, e á curiosidade não menos prejudicial dos viajantes. A fallar a verdade, em presença de um destino protegido de tal sorte, a legenda da mão e da chave alcançava em o nosso espirito uma auctoridade quasi seria.

Um portico de admiravel trabalho de esculptura dá serventia do Pateo dos Leões para uma vasta sala lageada de marmore branco, é a *Sala das duas Irmãs*. Um zimbório aberto conserva alli sempre o ar purissimo e o reflexo de uma luz suave; as paredes, até certã altura, são forradas de bellos tijolos (azulejos) arabes, cada um dos quaes tem os braços de um rei mouro. Toda a parte superior é coberta de estuque de Damasco, afeiçãoado em festões que se enlaçam de mil maneiras, e que servem de moldura a versculos do Alcorão. Os ornatos das paredes e do zimbório são dourados, e os intervallos d'estes, cheios do lapis-lazuli. Em volta da sala ha, de espaço em espaço, uma especie de nichos, que serviam para ter *ottomanas*. Por cima de um vestibulo interior ha um corredor que communica com os quartos das mulheres. Existem ainda muitas das *persianas*, que permittiam ás habitantes do serralho contemplar, sem ser vistas, as festas brilhantes que se davam na Sala das duas Irmãs. Em presença de restos tão eloquentes, a imaginação cria apparições phantasticas. Ainda se vêem os quartos voluptuosos das bellezas orientaes. Mas que foi feito das Zoraidas e das Landaraxas? Perguntem-o á terra, esse

Saturno eterno, que devora sem descanso os seus proprios filhos!...

Na outra extremidade do Pateo dos Leões acha-se a *Sala dos Abencerrages*. Este nome traz á memoria uma raça inteira de nobres cavalleiros, que foram decapitados n'um dos tanques de marmore, que ainda se vêem no meio da sala. Alguns historiadores têm posto em duvida as particularidades d'esta horrorosa execução. O nosso guia, vendo-nos commovidos, fez-nos observar, como documento justificativo, a portinha de ferro por onde os desditosos Abencerrages foram arrastados para o logar do supplicio; demais a mais vêem-se ainda no chão umas nodos de côr escura, indelevel, que se suppõe serem vestigios do seu sangue. Parece-me que n'um tal momento, e em presença de taes lembranças, é permittido ter alguma credulidade. O nosso homem, aproveitando porém a impressão que nos tinha feito, começou logo a contar-nos historias sobrenaturaes. Assim, dizia-nos elle com uma physionomia muito comica, ouvem-se ás vezes, alta noite, gemidos abafados, que se prolongam como uma grita confusa de vozes humanas, a que se juntam por intervallos sons mais agudos, semelhantes á bulha de cadêas de ferro arrastadas pelas pedras. Na realidade, este phenomeno pôde explicar-se pela passagem subterranea das correntes d'agua que alimentam as fontes; mas o povo, avido sempre do maravilhoso, crê que os phantasmas dos Abencerrages vem, em certas epochas, visitar Alhambra, e amaldiçoar os seus assassinos.

Depois de ter atravessado outra vez o Pateo dos Leões, e o de Alberca, fomos ver a Torre de Comarés, que tira o seu nome do artista arabe que a edificou. É uma construcção maciça de bastante altura; do alto d'ella a vista desce quasi verticalmente ás margens do Darro, do lado mais escarpado da collina que sustenta a Alhambra. Um portico de abobada conduz, no interior da torre, a uma vasta sala, em que os reis de Granada faziam as suas recepções; d'aqui lhe vem o titulo de *Sala dos Embaixadores*. Distinguem-se n'ella ainda restos, quasi apagados, do esplendor d'aquelles tempos cavalheirescos: as paredes conservam ainda parte dos ornatos de estuque que tinham n'outras eras; o tecto é de cedro, enriquecido com doura-

dos e magníficos arabescos coloridos; as altas janellas de estylo oriental, abertas em tres faces da sala, na espessura de granito, projectam as suas varandas de marmore, por cima do valle verdejante do Douro; mais ao longe estendem-se as ruas e os conventos de *Albaycim*, e as plantações deliciosas das campinas de Granada.

Toda esta parte do palacio d'Alhambra contém ainda restos que interessam: o nosso guia fez-nos observar um pavilhão aberto na plataforma de uma pequena torre, para onde a rainha Isabel gostava de ir só, em certas horas do dia, respirar à sua vontade as brizas das montanhas, e estender os olhos pelas magnificas regiões que se avistam d'alli. Vimos tambem o jardim de *Lindaraxa*, cuja fonte de alabastro derramava suas aguas limpidas sobre canteiros de rosas, no meio de bosquesinhos de limoeiros e de murtas; vimos, emfim, as salas dos banhos, asylos voluptuosos, em que a luz resplandecence do dia é substituida por um claro-escuro de ineffavel suavidade; e em que a temperatura do clima desce ao grau de uma atmospherá tepida e deliciosa.

Tenho pressa de escapar a este encanto de descrever, que, contra minha vontade, me seduz e arrebatá; prometti ao leitor narrações do passado, e deveria cingir-me a offerecer-lhe apenas o aspecto geral dos logares em que a imaginação vae seguir as minhas recordações.

Quando se tem soffrido por muito tempo o calor que abraza os paizes meridionaes, goza-se com delicias um retiro, em que os ventos frescos das montanhas proximas sustentam continuamente, a fecundidade e a vida no seio dos mais risonhos valles. Numerosos aqueductos, construidos pelos mouros, distribuem em todas as partes do palacio a agua que circula nos canos abertos por baixo dos ladrilhos de marmore, para encher os tanques, os reservatorios e as fontes. Depois, ao sair do palacio, e acabando de regar abundantemente os jardins, a agua corre e desce para a cidade por mil pequenos canaes, que conservam n'estes logares encantados uma vegetação riquissima, e sombras sempre verdes.

As salas abertas d'Alhambra dão passagem a todas as brizas que vem dos cumes da Serra Nevada, embalsamadas pelos perfumes da planicie. Em quanto a cidade recebe em baixo os raios do sol, como se fôra um banho de fogo, em cima, nas alturas do palacio de Boabdil, goza-se uma sensação de perfeito socego, e delicioso repouso, que faz o encanto dos paizes meridionaes. Parece que tudo nos convida a fechar os olhos n'um extasi suave, que faz passar na imaginação todas as maravilhas das *Mil e Uma Noites*, e que nos embala e adormece entre as deliciosas exhalações da terra, o rumorejar phantastico da folhagem, e o murmurio das fontes solitarias.

Continúa.



## FLOR E PALACIO MONSTRO.



MR. PAXTON.

**N**o dia de Anno-bom de 1837, um viajante seguia penosamente, n'uma embarcação fragil, a corrente da ribeira Berbice no Demerary. — No sitio em que a ribeira se alarga mais, e fôrma como uma especie de tanque, chamou-lhe a attenção um objecto extraordinario para o lado da margem meridional. — Dirigiu o barco para aquelle lado, e quanto mais se aproximava, mais augmentava a sua curiosidade. — Posto que entendido botânico e conhecedor perfeito de toda a Flora da America do Sul, nunca tinha visto cousa semelhante. — Era uma planta aquatica, cuja fôrma, e proporções immensas, não traziam á idéa nenhuma outra planta conhecida. — Eis-me recompensado dos meus tra-

balhos, disse Sir Robert Schomburgk. — E esqueceu todas as suas fadigas. — Uma folha, que não media menos de 5 ou 6 pés de diametro, fluctuava na agua. Era de uma riquissima côr escarlata, orlada de uma faixa larga verde clara.

A flôr que se mostrou aos olhos do viajante maravilhado, era de um luxó digno em tudo da folha; sendo formada por um numero infinito de petalas côr de rosa, côr de violeta, ou de um branco de perola. — A superficie da agua estava coalhada d'aquellas produções extraordinarias. — Passando de umas ás outras tinha sempre que admirar.

Poliphemo teria arranjado alli o ramo de Galathea; mas Sir Robert Schomburgk não

se contentou só com as flôres; desenterrou plantas inteiras, e mandou-as para Inglaterra, juntando-lhes algumas sementes que colheu. — A bella estrangeira, ao chegar ao solo britannico, recebeu o nome de *Victoria-regia*.

Depois de esforços infructuosos, o cuidado de a fazer florescer, graças a uma temperatura artificial, foi confiado a M. Paxton, o celebre horticultor do muito celebre Chatsworth, propriedade do Duque de Devonshire.

M. Paxton não é um sabio, na accepção ordinaria da palavra, é um homem esclarecido, que estuda constantemente a natureza, que a observa como o seu livro habitual, e que procura, tanto quanto possivel, iniciar-nos seus segredos. — Quando chegou o tempo da florescencia, fez o que poude para que a flôr podesse julgar-se de novo nas aguas limpidas, e debaixo do céu de fogo da Guyanna ingleza. — As raizes foram enterradas cuidadosamente em camadas de terra substancial; as folhas espessas fluctuavam sobre um grande tanque, a cujas aguas uma pequena roda mechanica dava o movimento do seu rio natal. — Enfim, a flôr abriu, achando o seu clima ardente na sua gaiola de vidro.

E' a partir d'esta gaiola, que a nossa historia começa. — Fizemos como o cosinheiro philosopho, que principiava por um discurso a respeito da creação do mundo um artigo... sobre as conservas. — Mas não é interessante conhecer o parentesco que une o grande gigante de Hyde-Park com a morada de vidro da maior flôr conhecida? — Apesar da differença que existe entre estes dois monumentos, um procede, comtudo, do outro.

O nome de M. Paxton era já presado por todos os amadores da cultura, por causa dos grandes progressos que tinha feito na construcção dos vidros e de todos os edificios necessarios á horticultura. — Applicou todos estes melhoramentos a uma estufa modêlo, onde, como já dissemos, foi plantada a *Victoria-regia* em 9 de agosto de 1849.

Tudo se tinha preparado tão bem, que floresceu maravilhosamente, e que se desenvolveu tão depressa, e de tal maneira que a nove de novembro abriu uma flôr de uma jarra de circunferencia. — As primeiras sementes amadureceram um mez depois; algumas foram cuidadosamente cultivadas, e

novas plantas appareceram para maior gloria de M. Paxton.

O resultado trazia, porém, consigo um novo embaraço: — a bella planta tinha-se tornado em menos de um mez muito grande para a sua casa nova. — Era um outro problema que M. Paxton devia resolver tambem.

Metteu mãos á obra, e conseguiu, á força de cuidados e de calculos, construir uma estufa elegante de uma fôrma nova: tinha 60 pés de comprimento sobre 40 de largo. — Guiado pelo estudo e pela experiencia, tinha chegado ao resultado immenso, que todos admiraram no palacio de crystal. — Cada parte da sua construcção era por tal fôrma combinada, que servia para muitos fins, e que desempenhava diversas funcções, como adiante veremos, havendo assim economia perfeita de tempo e de dinheiro.

Em quanto novos estudos occupavam M. Paxton, levantaram-se em Londres discussões violentas acerca dos planos do Palacio da Industria. — Ao lèr todos os promenores, que dava o *Times* a este respeito, M. Paxton, entristecia-se por ver invadir Hyde-Park por um exercito de ferreiros, de pedreiros, e de carpinteiros; a quantidade de materiaes, que se exigia para aquelle edificio provisório, fazia-o sorrir, porque teria bastado para construir as pyramides eternas; e além d'isso, que pena ver deitar abaixo aquellas bellas arvores tão estimadas por todos! — Occorreu então a M. Paxton a idéa de que a gaiola de vidro da *Victoria-regia*, executada em ponto grande, realisaria tudo o que se podia desejar; quanto mais examinava os novos planos que appareciam cada dia, mais corpo tomava esta idéa no seu espirito; nenhum edificio podia levantar-se mais depressa e com menos despeza; além d'isso ninguem seria incomodado com a bulha dos operarios e do transporte dos materiaes, porque o palacio podia ser construido em Birmingham, em Dudley, ou nas margens do Tamisa, e trazido depois para Hyde-Park, onde podia ser armado, como se arma um leito. — Quanto ás arvores, M. Paxton podia, por 200 libras, transplantal-as até ao fim da exposição, sem com isso prejudicar o mais pequeno rebento. — Não podêmos deixar de citar a este respeito uma carta que Horacio Walpole escrevia a

seu primo Conwei, e em que dizia gracejando: — «Tenho pena de viver n'um seculo tão barbaro, e em que se cuida tão pouco nos progressos da arte de horticultura; estou persuadido de que dentro de seculo e meio será tão facil mudar de logar os carvalhos mais seculares, como hoje o é transplantar as cebolas de tulipas.» — Escrevia isto em 1748; d'este modo M. Paxton veio cincoenta annos antes da epocha marcada pelo propheta de Twickenham; em uma palavra, elle podia, se o preferissem, não incomodar aquellas bellissimas arvores, e encerral-as na sua estufa gigante.

Mas, por mais facil que o plano parecesse, era escusado pensar n'elle; a exposição dos desenhos para o Palacio da Industria nada linha apresentado conveniente, e a commissão tinha decidido que se adoptasse o seu plano, que hia ser estudado; de modo que não podiam apresentar-se novos concorrentes.

Entretanto, a 14 de junho, M. Paxton, estando na camara dos communs, fallou dos seus projectos a M. Ellis, um dos seus membros. — A noticia espalhou-se, e fez sensação. — Mas era preciso que M. Paxton tivesse tempo para desenhar o seu plano, e era exactamente o que lhe faltava, porque, alem de Chatsworth, que o occupa constantemente, tinha senpre negocios que o chamavam a todas as partes da Inglaterra, e novos trabalhos que dirigir. — Comtudo, poucos dias depois, presidia em Derby o comité do caminho de ferro, tractava-se de julgar um cantoneiro. — Era o seu primeiro momento de folga (ao menos é assim que elle lhe chama) desde que se resolvêra a dar seguimento ao seu plano. — O accusado estava no extremo da mēsa, e sobre ella havia diante do presidente uma grande folha de papel.

Paxton parecia tomar notas com uma assiduidade admiravel. — Quando o interrogatorio das testemunhas se terminou, um dos seus collegas, voltando-se para elle, disse-lhe: — Tomastes com tanto cuidado nota de todas as particularidades d'este negocio, que nos haveis de permittir que ouçamos a vossa decisão.

— O facto é, respondeu a meia voz o presidente, que estava informado de tudo isto, tendo-o por acaso ouvido a noite passada —

quanto ao que tomam por notas, é simplesmente um esboço do Palacio da Industria.

O cantoneiro foi condemnado a uma multa. — Pelo que toca à folha de papel, foi n'essa mesma noite levada para o gabinete de M. Paxton em Chatsworth, onde, graças à coadjuvação de todas as pessoas empregadas debaixo das suas ordens, o trabalho estava terminado promptamente. — Poucos dias depois, M. Paxton voltava à estação do caminho de ferro de Derby, trazendo debaixo do braço todos os planos; — não havia tempo a perder. — O comboy estava a partir, e a commissão real reunia-se no dia seguinte pela manhã.

M. Paxton metteu o jantar na algibeira, e entrou n'uma das carruagens, onde encontrou um dos engenheiros mais celebres e mais influentes da epocha, e de mais a mais membro da commissão,

— Que feliz acaso! exclamou M. Paxton, muito estimo encontrar-vos. Trago comigo alguns planos, dos quaes muito desejava que tomasseis conhecimento. — E desenrolou as plantas.

— Ei-los aqui, disse o architecto improvisado; vêde, e dizei-me se poderão convir para o grande monumento de 1851.

— Que dizeis! exclamou o engenheiro com um sorriso incredulo.

— Fallo seriamente.

— Mas vindes muito tarde — está já tudo decidido.

— N'esse caso vêde, e dizei-me o que pensaes d'isso; estou a morrer de fome, e irei tractando de jantar, sem dizer palavra, em quanto examinaes os desenhos.

— Pois eu fumarei o meu charuto. — E, não obstante todas as prohibições e todas as ordens, o charuto accendeu-se. — Seguiu-se um silencio profundo. — O engenheiro examinava os planos com muita attenção, e M. Paxton estudava na physionomia do seu amigo o effeito que n'elle produzia aquelle exame. — Sabe Deus com que anciedade elle estava, por isso que tudo dependia da opinião de um membro da commissão. — Dentro em pouco o charuto foi posto de parte, e o engenheiro ficou por meia hora absorto. — Emfim, enrolando todos os planos, pôl-os no assento opposto, e exclamou:

— É maravilhoso! — É admiravel! — Que

diferença do que temos visto até agora! — mas que pena, não terem estes projectos sido apresentados mais cedo!

— Tencionaes mostrar-os á commissão?  
— Seguramente!

Este engenheiro era M. Robert Stephenson; pôde-se, portanto, fazer idéa da esperança que a sua approvação despertou em M. Paxton.

No dia seguinte, 29 de junho, os planos foram apresentados á commissão, presidida pelo principe Alberto; — o principe admirou-os, e pediu ao auctor que viesse ao palacio de Buckingham explicar-lh'os por partes. — Sir Roberto Pill manifestou a sua satisfação, notando sobre tudo a novidade e simplicidade do desenho. — Poucos instantes depois aquelle grande estadista, sahindo de Westminster para ir dar um passeio, caiu desastrosamente do cavallo, e tres dias depois tinha deixado de existir.

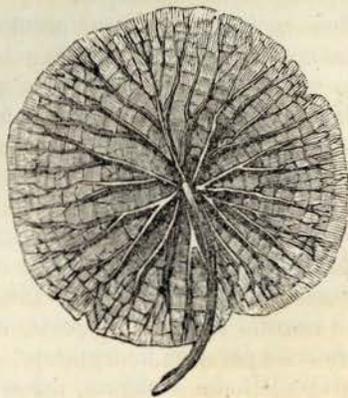
Os planos, tendo sido julgados admiraveis por toda a commissão, foram adoptados unanimemente, salvas algumas leves modificações. — Decidiu-se que sómente as arvores mais velhas seriam admittidas no palacio gigante. — Depois entrou-se em ajuste com os directores das fabricas de vidro, e das serralharias, e com um mestre de obras de Londres, que se obrigaram a levantar em poucos mezes um edificio, que não tinha menos de 1851 pés de comprido! — Faça-se idéa da immensa quantidade de vidro, pelo numero dos caixilhos empregados. — Todavia, o grande architecto tinha calculado tudo com

antecipação, e um successo completo coroou a sua obra prima.

Não entraremos em maiores promenores ácerca d'esse maravilhoso palacio de crystal, que todos viram desenhado.

Diremos sómente, que se não pôde pensar sem admiração que este edificio esplendido custou muito menos, do que custaria qualquer outro, o que se deveu, como já dissemos, á maneira porque M. Paxton aproveitou cada parte da sua construcção. — Por exemplo, os telhados não eram sómente telhados, — deixavam entrar uma luz agradável, modificavam o calor, e, graças a um processo novo que M. Paxton descobriu para o corte do vidro, aspiravam toda a humidade interior; as seis ordens de columnas de ferro não sómente sustentavam o edificio, mas eram, além d'isso, ôcas, serviam de canaes, e recebiam as aguas que caíam do tecto. — Na base de cada columna havia um tubo de ferro horizontal, que levava a agua para os canos; estes tubos de uma grande força serviam ao mesmo tempo de alicerces solidos.

Na parte superior, cada columna ligava-se á que lhe ficava fronteira por uma enorme barra de ferro, que se elevava dentro d'alguns minutos por meio de uma roldana; uma vez posta esta especie de traves, não havia necessidade de outro qualquer travejamento para sustentar os tectos. — Graças a estes tubos subterraneos, e a estas barras de ferro suspensas, este palacio phantastico era tão solido, como essas construcções massiças, obra dos gigantes, e de que faz menção a fabula.



Folha e flôr da Victoria-regia.



*Macphar & Co.*

*Ed. H. Koenig.*

EVA.

## EVA.



*No principio creou Deus o céu e a terra. Desenrolou pelo espaço, em fôrma de abobada azulada, esse immenso firmamento todo recamado de infinitas, e scintillantes estrelas; e n'elle lançou o sol, e a lua, dotando o primeiro com um diadema de fogo, e brindando a segunda com uma doce e suave clari-*

complemento, e o resumo de todos os seus esplendores. Feito á imagem, e similhaça de Deus, parece ter em sua fronte uma faísca da gloria increada; em seus olhos uma especie de revelação da sabedoria eterna; no seu sorriso um raio da felicidade dos céus; na sua attitude, a superioridade, e finalmente em seu coração nutre-se um sentimento profundo — a fome e a sêde de alcançar o infinito. Vêde como elle vae imprimir á natureza material, o cunho de sua propria intelligencia: as maravilhas das artes nascem, e crescem em suas mãos, e os elementos aprendem a curvar, diante de seu genio, suas forças vencidas e disciplinadas.

Adão vivia ainda solitario na immensidade de seu imperio, tendo tomado posse d'elle, e de todos os animaes, seus escravos, em virtude de uma ordem de Divindade; todos passaram em sua presença, e foram recebendo o nome que convinha a cada um segundo a sua natureza. Porém nenhum d'elles era igual ao homem, nem capaz de intender sua linguagem e de lhe responder. Por isso, para completar a vida de Adão, era mister ainda alguma cousa; porque, sendo organizado para a sociabilidade, os seus pensamentos, e coração careciam de outros pensamentos, e coração que lhes correspondessem.

E o senhor disse então: *não é bom que o homem esteja só: façamos-lhe uma ajudante semelhante a elle.* Mas Deus não creou a mulher como tinha formado o homem: em lugar de limo e grosseira argilla, procurou materia mais depurada e ennobrecida. Durante um profundo somno, que Deus para este fim mandou a Adão, tirou-lhe da parte do peito que protege e cobre o coração uma costella, amolleceu-a em seus dedos, soprou-lhe a vida, e a mulher foi creada. Formada de um osso, extrahido da região do corpo onde palpita o orgão dos sentimentos generosos; especie de santuario habitado por tudo quanto o homem ama e respeita, e inacessível a tudo quanto elle aborrece e despreza; foi sem duvida para nos mostrar que a mulher devia ser a companheira honrada

*Façâmos o homem á nossa imagem e similhaça, o qual presida aos peixes do mar, ás aves do céu, ás bestas, e a todos os reptis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra.* Com suas proprias mãos amassou uma pouca de argilla e limos da terra, e d'isto formou o homem, recebendo n'este acto a vida, e uma alma livre e intelligente. Irmão dos anjos por sua natureza espirital, e o primeiro dos seres visiveis pela belleza de suas fôrmas, é no homem, por assim dizer, que o horizonte do mundo acha o

e estimada, mas nunca a escrava, e senhora do homem.

Depois que o Omnipotente transformou a costella de Adão em uma nova creatura, feita igualmente á sua imagem e semelhança, levou-a á presença de Adão. A mulher era pura e graciosa, e sua innocencia igualava sua belleza; porque nenhum crime tinha ainda manchado as obras do Senhor, nem convertido em perigo sua immaculada simplicidade. Adão despertou do somno estatico, no qual sua alma, ferida pela luz do céu, tinha contemplado a obra que Deus fabricára, e elle reconheceu a mulher, e lendo nos futuros tempos que se volveram a seus olhos, renunciou estas palavras cheias de sciencia e de mysterio: *Eis-aquí agora o osso de meus ossos, e a carne da minha carne. Por isso deixará o homem a seu pae e a sua mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois n'uma mesma carne.* Foi d'esta forma, que, pela inspiração foi contrahida, e estabelecida na presença de Deus a união do homem com a mulher; doce communhão de pensamentos e sentimentos; reflexo da eterna união que regozija as pessoas divinas; prophetica imagem das bôdas augustas, que o Verbo Divino devia um dia celebrar com a natureza humana. O casamento recebeu d'esta maneira, desde sua origem, um character de unidade e de indissolubilidade por onde foge á obscura apreciação dos sentidos e do egoismo, e se eleva ao grau de um acto religioso, e á sublimidade de um terno e delicado affecto. Privando-o d'esta duplicada divisa, que o consagra e robustece, os povos pagãos o tinham rebaixado em sua legislação, e aviltado nos costumes; a religião christã tornou a restituirlhe suas primitivas condições de pureza e gloria, e a Europa não soffreria hoje que a desherdassem de seus direitos reconquistados.

Depois de abençoar a ambos, communicou-lhes Deus a fecundidade, gloriosa emanação de sua virtude creadora, e esta graça constituiu, por assim dizer, o dote do primeiro matrimonio: *Crescei e multiplicae-vos, e enchei a terra, e tende-a sujeita a vós, dominae sobre os peizes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre todos os animaes, que se movem sobre a terra.* E assignou-lhes para sustento aservas e os fructos das arvores.

Os diferentes sêres creados, não transpon-

do os limites naturaes de suas faculdades, o equilibrio, e a harmonia, reinavam no universo. Parecia que toda a natureza sorria ao homem: o céu estava sereno; o trabalho não fatigava; os animaes obedeciam ás ordens de seu rei; e a alma, servindo a Deus com fidelidade, exercia um imperio facil sobre o corpo, seu companheiro e seu escravo. Finalmente, tudo se movia no plano traçado pela sabedoria do Creator. Mas esta paz pouco durou, e não obstante isso deixou vestigios inextinguiveis na imaginação dos povos, que, semelhantes aos proscriptos, que recordam nas terras do exilio os folguedos e prazeres da patria, assim todos geralmente têm consagrado canticos de melancolica saudade a esta idade de innocencia e felicidade.

O homem e a mulher, creados na idade perfeita da vida, ricos dos dons da natureza e da graça, foram levados ao Eden, ou paraizo terrestre. Não estão conformes os escriptores acerca da verdadeira situação d'este jardim encantado; uns situaram-no na Armenia, outros na Palestina, e finalmente alguns na Chaldèa. Mas o que para nós é indubitavel, é que foi na Asia, n'essas regiões, onde, sobre as ruinas amontoadas pela guerra, e os seculos, e apesar das alterações phisicas que o globo tem soffrido, o viajante admira ainda magnifica vegetação, inextinguivel fertilidade, um céu puro e sereno, com um colorido tão brilhante e variado de que o nosso clima apenas apresenta um pallido reflexo. O Eden, cultivado desde o principio do mundo, continha as arvores, e os fructos mais agradaveis á vista, e mais saborosos ao paladar; um manancial de purissima agua, que se dividia em quatro rios, o regava em todas as direcções. As alcatifas de relva e flôres, os perfumes, a pureza da luz, e dos céus, que tanto recreava os sentidos do homem, eram a imagem da alegria em que sua alma vivia deleitada. Guarda do paraizo terrestre, trabalhava mais para distracção, do que para exercicio; a desobediencia ou a desgraça ainda por elle não eram conhecidas. Ah! o jardim, e a felicidade desappareceram: do primeiro apenas restam vestigios na magnifica natureza do Oriente; do segundo temos gravada uma melancolica lembrança, que nada poderá disfarçar ou extinguir.

O Eden tinha entre as suas arvores duas

muí notáveis: a arvore da vida, a qual tinha de communicar ao homem a immortalidade; e a arvore da sciencia do bem e do mal, talvez assim denominada para mostrar, que se o homem não obedecesse á prohibição divina, logo conheceria o bem que tinha perdido, e o mal que sobre si tinha chamado. Deus disse ao homem: *Come de todos os fructos das arvores do paraizo. Mas não comas do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal. Porque em qualquer tempo que comeres d'elle, certissimamente morrerás.* Este preceito foi igualmente intimado a Eva.

Mas a liberdade tornava o mal possível, e alguma cousa o fazia seductor, e por isso a rebellião começou a manifestar-se, armando-se de uma especiosa linguagem que veio assaltar o homem inexperiente. Além de nossos primeiros paes existiam outras creaturas intelligentes e livres, mas não estavam unidas a corpos; as quaes Deus já tinha submettido á experiencia, e muitos tinham succumbido. Assim como as estrellas, rompendo a força que as prende em sua orbita, abrem novo caminho nos espaços desconhecidos, da mesma fórma estas creaturas, fugindo das mãos de Deus, immediatamente viram o sonho da sua independencia converter-se em agitação, e na dor de um inexoravel remorso. Transfugas da luz e do amor, caíram nas trevas, natural punição dos espiritos, e no odio, que é o mais duro castigo dos corações. Da mais profunda miseria em que jaziam, um d'estes anjos amaldiçoados viu a felicidade do homem, e teve d'ella inveja; e transformando-se n'uma serpente, procurou insinuar-se no coração que elle queria seduzir, e n'elle destruir o manancial de todas as alegrias, cuja vista lhe era odienta. Outra qualquer figura podia tomar o espirito infernal; mas as secretas relações de analogia que existem entre as cousas que se vêem, e as que são invisíveis, nos explicam a razão da providencial disposição, porque o tentador, em lugar de se apresentar debaixo da fórma de um nobre e magestoso animal, se serviu da figura da serpente, cuja imagem é a de todos os reptis, a que denota mais fraude e cobarde perfidia.

Movida pelo espirito infernal, a serpente aproximou-se da mulher, e disse-lhe: *Porque vos prohibiu Deus que não comesses do fru-*

*cto de todas as arvores do paraizo?* Não procurou Adão para o interrogar; recebeu que elle a conhecesse e repellisse, e nem mesmo tinha forças para luctar com este character circumspecto, e prevenido pela consciencia de seu valor contra toda a influencia estranha. Dirigiu-se á mulher, organização delicada e viva, que a menor cousa excita e commove, alma toda inclinada ás communicações expansivas e á confiança, porque tem necessidade de apoio, intelligencia esclarecida pelo coração, e por isto mesmo revestida de todo o encanto, assim como de toda a mobilidade de sentimento.

Devendo prevalecer-se do seu poder sobre a serpente para responder á sua interrogação com o silencio e o desprezo, e vingar d'esta maneira o ultrage feito ao legislador, a mulher desceu de sua dignidade de rainha, e discutiu: *Nós comemos dos fructos das arvores que ha no paraizo. Mas do fructo da arvore, que está no meio do paraizo, Deus prohibiu que não comessemos, nem a tocassemos, sob pena de morreremos.* A resposta nem era generosa, nem leal, e exprimia mais temor do que reconhecimento e afeição.

Portanto o tentador cobrou animo, e disse á mulher: *Bem podeis estar seguros que não haveis de morrer; porque Deus sabe que, tanto que vós comerdes d'esse fructo, se abrirão vossos olhos; e vós sereis como uns deuses pelo conhecimento que tereis do bem e do mal.* D'estas duas expressões contradictorias, das quaes uma pertencia a Deus, e a outra á serpente, a escolha era facil; mas a primeira prophetisava a morte, e a segunda continha agradaveis promessas, e lisonjeava os instinctos da independencia. O mal disfarçase muitas vezes a nossos olhos debaixo de apparencias de bem; e oppõe engenhosamente ao jugo da virtude e do dever, a imagem de um prazer semelhante á liberdade e felicidade, no que muito se parece com estas luzes, que de noite fluctuam sobre os pantanos, e levam os viandantes a pôrem os pés sobre abysmos.

A mulher tinha escutado, com muita attenção e gosto, a pratica da serpente, e não tinha defendido seu coração contra o desejo, e esperanza de tudo conhecer: um principio de revolta brevemente se declara na região da intelligencia, e o orgulho immediatamente

te alli entrou. O choque propagou-se aos sentidos, companheiros e vassallos da alma, e elles tambem a seu modo se tornaram sediciosos. A mulher observou a arvore prohibida, o fructo pareceu-lhe bom para se comer, formoso e agradavel á vista; foi o ultimo golpe descarregado sobre uma fidelidade já abalizada e vacillante. Os sentidos fascinados reagiram sobre o espirito, que os não tinha governado discretamente, e o espirito foi vencido. A mulher colheu o fructo e comeu.

Aquella, que ainda ha pouco vimos tão fraca para resistir, vae tornar-se forte e poderosa para vencer. Adão foi no principio levado mais por condescendencia do que por nenhum raciocinio: pareceu-lhe duro e cruel magoar por uma recusa a sua amavel e unica companheira; e sentindo-se enfraquecer, viu seu coração namorado succumbir, levando o espirito em sua quêda. A mulher deu o fructo a seu marido, que o comeu como ella, e obedeceu portanto aos mesmos attractivos de orgulho e sensualidade.

No mesmo instante os olhos dos culpados se abriram, mas não viram realizar-se as promessas da serpente. A alma cessou de reinar como soberana em seu imperio, e elles começaram a descobrir o quer que seja de vergonhoso nas obras que Deus tinha fabricado. A nudez, que até então estava coberta pela simplicidade e candura da innocencia, tornou-se um onus insupportavel, e os dois culpados cobriram-se de folhas de figueira, que cingiram na cintura.

Tal foi o primeiro crime que manchou a terra; todos os posteriores tem n'elle a sua causa original e o seu typo. Perpetrado o crime, a justiça devia seguir o seu andamento. Deus veiu instaurar o processo de nossos avós; e uma fórma sensivel revelou sua presença no Eden, onde os culpados sentiram o som de seus passos. Era de tarde. O homem e a mulher, que, para evitar suas proprias vistas, se tinham coberto com folhas de figueira, fugiram assustados para o meio das arvores do paraizo, a fim de se occultarem aos olhos do Senhor. Mas a voz de Deus os alcançou: — *Onde estás, Adão?* Havia n'estas palavras mais compaixão do que colera; e parece que Deus queria dizer-lhe: tua fugida e temor fazem conhecer tua culpa; de que honra acabas de privar-te, e em que ruina te preci-

pitaste! Um echo d'esta voz misericordiosa e severa ainda resôa hoje entre os homens; e todos os que têm commettido um crime incessantemente a ouvem — é o remorso. Depois da violação da ordem proscripta, o dever desconhecido, e a virtude offendida, levantam-se na consciencia como um espectro. Em vão a alma procura socegar-se ou fugir-lhe, elle a persegue e atormenta, e quando ella busca uma vida toda sensual para melhor affrontar o espectro domestico, prende-a entre os braços do prazer, e a lança algumas vezes em sombrios temores por esta simples e vingativa expressão — onde estás?

Adão respondeu-lhe: *Como ouvi a tua voz no paraizo, e estava n'í, tive medo, e escondi-me.* Disse-lhe Deus: *D'onde soubeste tu que estavas n'í senão porque comeste do fructo da arvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses?* Adão era mais ingrato na desobediencia por ser forte, e maior em sua origem; pois a todo aquelle a quem muito foi dado, muito lhe será pedido. Adão replicou: *A mulher, que tu me deste por companheira, deu-me d'esse fructo, e eu comi d'elle.* E d'esta fórma queria elle declinar em Deus a responsabilidade do crime que tinha commettido; como se, dando-lhe elle uma companheira, lhe tivesse roubado a intelligencia e liberdade. Devendo evitar, quanto em si coubesse, a vergonha de uma confissão áquella que elle tinha amado, e voluntariamente seguido na rebellião; devendo estender sobre ella a generosidade de seu arrependimento, abandona-a e opprime-a com o peso de uma cobarde accusação!

É justo dizer, que achámos mais sinceridade na confissão da mulher. Porque, sendo accusada de ter arrastado o homem á rebellião, Deus disse para ella: *Porque fizeste tu isto?* Ella respondeu simplesmente: *A serpente me enganou, e eu comi.* Todavia, sua confissão não é repassada d'este poderoso arrependimento que merece grandes perdões. Nossas fracas almas têm difficuldade em es-tudar-se e conhecer-se, e darem provas de suas proprias enfermidades, e por isso, se é permittido censural-as, tambem é justo que as lastimemos; porque é mais facil conservarmos a integridade de nossa força, do que recuperal-a depois de perdida.

O juiz pronunciou emfim a sentença; e

disse á serpente: *Pois que tu assim o fizeste, tu és maldita entre todos os animaes, e bestas da terra, tu andarás de roxo sobre teu ventre, e comerás terra todos os dias da tua vida.* Assim o que era natural á serpente, lhe foi assignado como um memorial da tentativa a que ella se tinha prestado; e seu sustento, lançado no pó, recordou seu castigo. E Deus disse mais: *Eu porei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua posteridade e a sua d'ella. Ella te pisará a cabeça, e tu procurarás mordel-a no calcanhar.* O tentador foi n'isto castigado, como o animal de que se tinha servido; maldito o genero humano, em lugar de receber as honras concedidas aos bons anjos; inimigo cheio de dolo e malicia, mas esmagado pelo filho da mulher, e lançado no pó a que o reduziu a victoria do Verbo incarnado. É cousa notavel, que a maior parte das nações antigas ficassem persuadidas, que a serpente occultava algum tenebroso e malefico espirito, e lhe attribuissem faculdades maravilhosas, rendendo-lhe um culto inspirado pelo terror: tanto a lembrança da sua traição foi duradoura, e a maldição de Deus poderosa.

E o Senhor disse tambem á mulher: *Eu multiplicarei os trabalhos de teus partos. Tu parirás teus filhos em dôr, e estarás debaixo do poder de teu marido, e elle te dominará.* E por isso as dôres foram para sempre ligadas á fecundidade, e o que teria sido para as mães gloria e alegria, tornou-se um perigo, e algumas vezes um supplicio. Contra a ordem, ao principio instituida, a mulher caiu n'um estado de sujeição para com seu marido, cuja branda superioridade brevemente, e para sempre, se converteu n'um aspero e cioso dominio. Nada pôde egualar o despotismo e aviltamento, que os homens fizeram pesar sobre as mulheres quasi em todos os logares, durante quarenta seculos; nem nós podemos exprimir d'outra fórma o que era a mulher, segundo os costumes e legislação pagã. Hoje mesmo não se tem libertado d'esta degradação entre os povos, que ainda não têm aprendido do culto, e veneração da cruz, o respeito que merece sua fraqueza; só os povos christãos, decretando para a mulher um affectuoso respeito, a têm protegido contra sua propria fragilidade, e contra a dura tyrannia do homem; e, á sombra protectora

dos costumes e leis, que o Evangelho tem feito florescer no mundo, pôde ella praticar a liberdade sem usurpação, e a submissão sem aviltamento.

O Senhor disse a Adão: *Pois que tu destes ouvidos a tua mulher, e comeste do fructo da arvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses, a terra será maldita por causa da tua obra; tu tirarás d'ella o teu sustento á força de trabalho.* O trabalho com fadiga, a humilhação na morte, castigo e remedio da sensualidade, e do orgulho de nossos avós, tal foi a herança que tiveram todos os filhos de Adão. A sua memoria recordalhe um reino perdido, e seus votos ardentes só clamam pela gloria, e pela immortalidade. Tudo lhe foi vendido pelo preço de um trabalho duro, do suor, e do sangue; tudo, a fortuna, a reputação, a sciencia, e até mesmo a virtude. Sua existencia assimilha-se a uma ruina, tanto elle é miseravel, e ao sono de uma noite, tanto ella é rapida. Soluços, lagrimas, e alguns sorrisos, muitas dôres reunidas n'um pequeno numero de dias, raras e fugitivas alegrias diluidas em amarguras, e todas ellas levadas pelo curso do tempo para a sepultura; nascer, chorar, e morrer, é o que chamâmos vida. Triste, e, apesar d'isso, chaça illusão!

Votado á morte pela sentença divina, e conhecendo que tinha de gerar outros homens, Adão poz a sua mulher o nome d'Eva porque ella devia ser a mãe de todos os viventes. Ambos, depois d'isto, se vestiram com tunica de pelles, que o Senhor lhe tinha fabricado; o qual, com especie de ironia paternal, lhes disse: *Eis-aquí está feito Adão como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Mas agora, para que não succeda, que elle lance a mão, e tome do fructo da arvore da vida e coma d'elle, e viva eternamente; o Senhor Deus o pôz fóra do paraizo para que cultivasse a terra, de que tinha sido formado.* E durante estas santas e terriveis palavras, elle expulsou os culpados do jardim das delicias, e a sua entrada ficou defendida por um Querubim armado de uma espada scintillante. Foi desde este dia, que a vida se mudou em tenebroso exílio, semelhante a um somno penoso, no qual a dôr nos acalenta, esperando a morte, que é o despertador.

## IGNEZ DE LAS SIERRAS.

I.



tu, disse Anastacio, não nos contarás também uma historia d'almas do outro mundo?... Bastaria que o quizesse fazer, repliquei eu, porque fui testemunha da mais singular appareição de que se tenha feito menção depois de Samuel; mas... longe de ser um conto, é uma historia, e uma historia verdadeira. Bom! murmurou o substituto, mordendo os beiços; querem vêr que ainda ha quem creia em appareições?!... Te-

rieis crido tão firmemente como eu, se tivesses estado no meu lugar.

Eudoxia chegou a cadeira em que estava assentada para junto de mim, e comecei:

Estavamos nos ultimos dias de 1812. Eu era então capitão dos dragões, que faziam a guarnição em Gerona, departamento do Ter. O meu coronel mandou-me, por causa da remonta, a Barcelona, onde havia, no dia seguinte ao de Natal, uma feira de cavallos muito nomeada; e ordenou que me acompanhassem n'esta occasião dois tenentes do regimento, chamados Sergy e Boutraix. Tende paciência que vos diga alguma cousa d'um e d'outro, porque as particularidades em que terei de entrar acerca do seu character, não são inteiramente inuteis ao resto da minha narração.

Sergy era um d'aquelles officiaes novos, que as escholas nos forneciam, e que tinham de vencer algumas prevenções, e até mesmo algumas antipathias para serem bem vistos dos seus camaradas. Tinha, porém, triumphado de tudo isso em pouco tempo. Era de lindissima figura... maneiras distinctas, espirito vivo e brilhante, e de uma coragem

e valentia como poucos! Não havia exercicio em que não fosse exímio, nem arte de que não tivesse o gosto e o sentimento, posto que a sua organização, delicada e nervosa, o fizesse mais sensível aos encantos da musica. Um instrumento bem tocado, e principalmente uma bella voz, enchiam-o de um enthusiasmo, que se manifestava às vezes por gritos e por lagrimas. Se era uma mulher que cantava, e essa mulher era de mais a mais bonita, os seus transportes chegavam quasi a delirio. Tinham-me às vezes feito desconfiar da sua razão! Por aqui vereis que o coração de Sergy devia ser muito accessível ao amor; e com effeito, quasi nunca o teriam encontrado livre de uma d'estas paixões violentas de que parece depender a vida de um homem; mas a mesma exaltação da sua sensibilidade o defendia contra os seus excessos. O que esta alma ardente necessitava, era uma que lhe fosse igual, e com quem pudesse associar-se e confundir-se; e posto que elle julgasse vê-la a todos os momentos, ainda não tinha podido encontrá-la até então. Concluia-se d'aqui, que o idolo da vespera, despojado dos prestigios que o haviam divinizado, era simplesmente uma mulher no dia seguinte, e que o mais apaixonado de todos os amantes, era o mais volúvel de todos os homens. N'esses dias de desengano, em que caía do alto das suas illusões na convicção humilhante da realidade, costumava dizer que o objecto desconhecido dos seus votos, e das suas esperanças não habitava a terra; mas ia sempre procurando, prompto a enganar-se, como lhe havia acontecido mil vezes. O ultimo erro, que Sergy commetteu, foi causado por uma cantora muito mediocre da companhia de Bascara, que acabava de deixar Geronna. Dois dias inteiros a cantora tinha occupado as mais altas regiões do Olympo, e dois dias tinham bastado para a fazer descer á classe das mais simples mortaes. Sergy nem já se lembrava d'ella.

Com tal irritabilidade de sentimentos, era impossível que Sergy não tivesse uma quêda muito pronunciada para o maravilhoso. Não havia região em que as suas idéas divagassem de melhor vontade. Espiritualista pelo raciocínio ou pela educação, era-o ainda mais pela imaginação ou pelo instinto. A sua confiança na amante imaginaria, que o mundo dos espiritos lhe havia reservado, não era um simples brinquedo da phantasia, era o assumpto favorito dos seus pensamentos, o romance secreto do seu coração, era finalmente uma especie de enigma gracioso, que o consolava do triste fim das suas tentativas inuteis. Em vez de combater essa chimera, quando o acaso a trazia á conversa, tinha-me servido d'ella mais do que uma vez para lhe combater os desesperos amorosos, que se repetiam todos os mezes. É sempre bom haver como refugio uma vida ideal, quando se sabe bem o que esta vale.

Boutraix fazia com Sergy um contraste perfeito. Era um rapaz alto e gordo, cheio, como elle, de lealdade, de honra, de bravura, e de dedicação aos seus camaradas: mas tinha uma physionomia ordinaria, e um espirito parecido com a physionomia. Conhecia por tradição o amor moral, esse amor de cabeça e de coração, que perturba ou adorna a vida, e considerava-o como uma invenção dos romancistas e dos poetas, que nunca existia senão nos livros. Quanto ao amor que elle comprehendia, fazia uso d'elle quando lhe convinha; mas sem lhe dar nem mais importancia, nem mais cuidado ou tempo do que elle merece. Os seus melhores momentos eram os que passava á mèsaa, a que se assentava primeiro que ninguem, e d'onde saía no fim de todos, no caso de não faltar o vinho. Depois de um feito de guerra, era o vinho a unica cousa d'este mundo, que lhe inspirava algum enthusiasmo. Fallava d'elle com uma tal ou qual eloquencia, e bebia muito, sem beber até á embriaguez. Por um favor especial do seu temperamento, nunca havia chegado a esse estado grosseiro, que assimilha o homem aos animaes; mas é preciso confessar que adormecia muito a proposito.

A vida intellectual reduzia-se para Boutraix a um limitadissimo numero de idéas, ácerca das quaes tinha principios invariaveis, e que tinha conseguido exprimir por formu-

las absolutas, e muito commodas para o dispensarem de entrar em discussão. A dificuldade de provar qualquer cousa por meio de bons raciocinios, tinha-o determinado a negar tudo. A todas as inducções tiradas da fé ou do sentimento, respondia sempre com duas palavras sacramentaes, acompanhadas com um encolhimento de hombros: «*fanatismo e prejuizo.*» Se insistiam ainda, inclinava a cabeça para traz, e dava um assobio agudo, que durava tanto como a objecção, e que lhe poupava o embaraço de a ouvir. Posto que nunca tivesse lido duas paginas a fio, cria piamente conhecer Voltaire e Piron, a quem considerava grandes philosophos. Estes dois escriptores eram as suas auctoridades supremas: e a *ultima ratio* de todas as controversias em que se dignava tomar parte reduzia-se a esta phrase triumphante: — Vêde o que dizem Voltaire e Piron! — A questão ficava ordinariamente por aqui, e elle tinha o cuidado de conservar as honras, o que lhe tinha grangeado no seu esquadrão a reputação de um logico de primeira força; com tudo isto, Boutraix era um excellente camarada, e, sem contradicção, o melhor entendedor de cavallos de todo o exercito.

Como tinhamos tenção de comprar cavallos para nosso proprio uso, haviamos ajustado servir-nos, para a nossa viagem a Barcelona, de carruagens que ha em abundancia em Geronna, e a facilidade de as achar, tinha-nos inspirado uma confiança que nos ia saindo cara. A solemnidade da noite de 24, e a feira do dia seguinte, attrahiam de todos os pontos da Catalunha uma innumeravel quantidade de viajantes, e nós tinhamos escolhido exactamente este dia para arranjar o vehiculo que precisavamos. As 11 horas da manhã andavamos ainda em procura de um boleceiro, e restava-nos unicamente uma só esperanza, quando o fomos encontrar á porta em disposição de partir.

— Maldita seja a tua carruagem e as tuas mulas, exclamou Boutraix, vermelho de co-lera, assentando-se n'um marco; que todos os diabos do inferno, se os ha, se soltem quando passares, e que Lucifer em pessoa te sirva á cêa!... Temos de ficar aqui!

O boleceiro benzeu-se, e deu um passo para traz! — Deus nos tenha na sua santa guarda, mestre Estevão, repliquei eu, sorrindo-

me. Tendes muitos viajantes? — Não posso positivamente dizer que tenho viajantes, respondeu o boleeiro, porque não tenho mais do que um, o sr. Bascara, empresario e gracioso da comedia, que vae encontrar-se com a sua companhia a Barcelona, e que ficou atraz para acompanhar as bagagens, isto é, essa mala atulhada de trapos, que nem serviria de carga a um jumento. — Eis o que vae de bom a melhor, mestre Estevão! A vossa carruagem é para quatro pessoas, e o sr. Bascara ha de permittir-nos livremente pagar as tres quartas partes da viagem, que poderá, além de tudo, metter em conta por inteiro ao seu director; nós todos somos de segredo, tende o trabalho de lh'o perguntar, se quer auctorizar-nos para o acompanhar.

Bascara hesitou o tempo sufficiente para dar ao seu assentimento a apparencia de um obsequio, ao meio dia estavamos a caminho. A manhã havia estado tão amèna, quanto se podia desejar n'aquella estação; mas apenas deixámos atraz as ultimas casas da cidade, os vapores brancos, que desde o erguer do sol fluctuavam no cume das collinas, como ligeiros véus de gaze, desenvolveram-se com uma rapidez admiravel, estenderam-se por todo o horizonte, e nos cercaram por todos os lados. Dentro em pouco começaram a desfazer-se em chuva, misturada de neve tão miúda e tão densa, que parecia que a atmosphera se tinha convertido em agua, e que as mulas nos haviam arrastado para o leito de um rio, felizmente permeavel á respiração. O elemento equivoco, que percorriamos, tinha perdido a transparencia, a ponto de nos occultar até mesmo as bordas, e os pontos mais proximos do caminho; o proprio conductor só se atrevia a segui-lo, sondando-o a todos os momentos com a vista, antes de deixar passar a carruagem; e estas tentativas, repetidas com frequencia, demoravam cada vez mais a marcha. Ainda em cima os váus mais seguros tinham enchido em poucas horas, chegavam a estar perigosos, e o pobre Bascara não atravessava um só, sem se recomendar a S. Nicolau e a Santo Ignacio, padroeiros dos navegantes.

— Tenho realmente receio, dizia Sergy sorrindo-se, que o céu tenha tomado á letra a praga terrivel que Boutraix rogou ao desgraçado boleeiro. Parece, com effeito, que todos os diabos do inferno se soltaram á nossa passagem, como elle desejou, e faltava-nos só jantar com o demonio em pessoa, para ver o presagio cumprido. É pena, a fallar a verdade, ter que passar pelas consequencias da colera impia do nosso amigo! — Bom, bom, respondia Boutraix meio acordado, e meio a dormir: — Prejuizo! — Superstição! — Fatalismo!

E tornava logo a adormecer.

A estrada tornou-se um pouco mais segura, quando chegámos ás praias de rochas solidas do mar; mas a chuva, ou antes o diluvio, a través do qual nadavamos difficulosamente, não havia diminuido. Só parou alguma cousa tres horas depois de se pôr o sol, e estavamos ainda muito longe de Barcelona. Chegámos a Mattaro, onde tinhamos resolvido ficar, na impossibilidade de fazer outra cousa, porque o nosso trem não podia ir mais adiante: porém apenas deu volta, para entrar na hospedaria, o boleeiro veio-nos abrir a portinhola, declarando-nos, com um ar muito triste, que o pateo estava litteralmente atulhado de carruagens, e que não era possivel pernoitar alli. — É uma fatalidade, acrescentou elle, que nos persegue n'esta viagem de agouro! Não ha um quarto vago senão no castello de Ghismondo! — Sempre quero vêr, exclamei eu, saltando fóra da carruagem, se n'uma das cidades mais hospitaleiras da Hespanha, temos de nos resolver a bivacar n'um triste paiz depois de uma viagem tão trabalhosa! — Senhor official, respondeu um arrieiro que fumava o seu cigarro, encostado indolentemente á hobreira da porta, não vos hão de faltar companheiros n'essa desgraça, porque ha mais de duas horas que já não recebem pessoa alguma, quer nas hospedarias, quer nas casas particulares, pois os primeiros que chegaram conseguiram recolher-se, e não ha um só quarto vago a não ser no castello de Ghismondo!



Este modo de fallar, familiar ao povo n'estas casas, era de ha muito meu conhecido; mas nunca me havia soado aos ouvidos mais desagradavelmente do que n'aquella occasião. Todavia, abri caminho até á estalajadeira, a través de uma multidão tumultuosa de viajantes, de arrieiros, de ciganos, e de mulas, e consegui chamar-lhe a attenção, batendo com força, não sei em que utensilio de cobre, com os copos da espada.

— Uma cavallariça, um quarto, e uma mēsa bem servida! exclamei eu com tom imperioso, que de ordinario bastava para alcançarmos o que queriamos; tudo isto depressa, immediatamente, para serviço do imperador! — Ah! senhor capitão, replicou ella com socego, o proprio imperador não acharia em toda esta estalagem um lugar em que podesse assentar-se! Comer e vinho quanto quizerem, porque, graças a Deus, não é difficil alcançar estas cousas n'uma cidade como esta, se estiverem em disposição de ceiar ao ar livre; mas não está nas minhas mãos acrescentar a casa para vos receber. — Pela minha fé de christão, não ha um só quarto

vago, a não ser no castello. . . — Leve a bréca os proverbios, e o paiz de Sancho Pança! atalhei eu immediatamente. Se o tal castello existisse realmente em alguma parte, menos mal, porque antes queria passar lá a noite do que no meio da rua. — E o certo é, replicou a estalajadeira, olhando attentamente para mim, que o caso vale a pena de se pensar n'elle. D'aqui ao castello de Ghismondo são, quando muito, tres quartos de legoa, e ha lá quartos abertos para todos e a toda a hora; verdade seja, que pouca gente se aproveita d'elles, mas os senhores francezes não são gente que ceda um bom commodo ao demonio. Vêde, porém, se isso vos faz conta, porque eu vou dar ordem para que se metta na vossa carruagem tudo o que fôr preciso para vos fazer passar a noite alegremente, se alguma visita desagradavel vos não fôr incommodar. — Estamos muito bem armados para que possâmos ter medo, seja de que visita fôr; e pelo que diz respeito ao proprio demonio, tenho ouvido fallar sempre d'elle, como de um conviva de bom gôsto. Dae, por consequencia, ordem ás nossas provisões! rações para cinco, at-

tendendo a que cada um dos cinco come por quatro, forragens para as mulas, e o dôbro de vinho, porque temos Boutraix comnosco. . . . — O tenente Boutraix! exclamou a estalajadeira, juntando as mãos abertas, o que é, como todos sabem, uma exclamação por gestos; moço! dois cestos de doze garrafas, e do melhor que houver! . . .

Dez minutos depois o interior da carruagem tinha-se transformado em copa de uma casa abastada, e tão abundantemente fornecida, que ninguém seria capaz de lá metter o mais magro dos nossos viajantes; mas, como já disse, o tempo, que continuava a estar ameaçador, parecia ao menos socegado por um momento. Resolvemo-nos, portanto, a andar o caminho a pé.

— Onde vamos nós, sr. capitão? disse o boleiro, admirado d'estes preparativos. — Onde havemos de nós ir, meu pobre Estevão, senão ao logar em que nos fallastes? Ao castello de Ghismondo provavelmente. — Ao castello de Ghismondo! Ó bemaventurada Virgem Maria, tende compaixão de nós! Nem mesmo as minhas mulas ousariam emprender semelhante viagem! — Que remedio terão ellas senão fazel-a, repliquei eu, mettendo-lhe na mão algumas *pecetas*; deixa estar, que não se hão de arrepender d'esta ultima fadiga, á vista da refeição copiosa que lhe está reservada. Pelo que vos diz respeito, meu chãro camarada, vão alli tres garrafas de vinho velho de Palamos, de que me has de dar noticias! Mas agora nada de perder tempo, porque estamos todos quasi em jejum, e ainda em cima o céu começa a embrulhar-se terrivelmente. — Ao castello de Ghismondo! repetiu lacrimosamente Bascara. Mas sabeis vós, meus senhores, o que é o castello de Ghismondo? nunca ninguém lá entrou impunemente, sem ter feito primeiro um pacto com o espirito do mal, e eu não poria lá os pés ainda que me dessem a carga dos galeões, e com toda a certeza não hei de ser eu que lá vá! — Haves de ir, pela minha honra, amavel Bascara, retrucou Boutraix, passando-lhe o braço vigoroso em volta do corpo. Era lá cousa que ficasse bem a um castelhano, que exerce com gloria uma profissão liberal, ter medo de um prejuizo popular! Ah! se Voltaire e Piron estivessem traduzidos em hespanhol, como o deveriam estar em todas as

linguas do mundo, não precisaria eu de ter o trabalho de vos provar, que o diabo, de que tendes medo, é um espantalhão das velhas; mas eu vos demonstrarei isso claramente depois da cêa, porque agora tenho o estomago muito vazio, e a boca muito sêcca para poder sustentar a estas horas uma discussão philosophica; marchae em frente, bravissimo Bascara, e tende a certeza de achar sempre o tenente Boutraix, entre o diabo e a vossa pessoa, se o diabo fosse bastante temerario para vos fazer a menor offensa! Com a fortuna! havia de ser bonito!

Em quanto assim fallavamos, tinhamos entrado no caminho escalavrado e desfeito da collina ao som dos ais e dos soluços de Bascara, que soltava uma effusão de Psalmos, ou uma invocação da Ladainha, a cada passo que dava. Devo confessar, que até as mesmas mulas, cheias de fadiga e de fome, marchavam de má vontade para o fim da nossa caravana nocturna, parando a cada passo, como se tivessem ouvido uma contra-ordem salutar, e voltando melancolicamente as desalentadas cabeças para cada toeza da estrada que acabavam de percorrer.

— Mas que diabo terá consigo este castello de fatal nomeada, disse Sergy, para inspirar a esta pobre gente um terror tão sincero, e tão profundo? Serão almas do outro mundo? — Almas do outro mundo! respondi eu em voz baixa, será talvez um covil de ladrões, isso sim. O povo poucas vezes concebe superstições taes, sem um motivo legitimo de receio; mas, quanto a nós, temos tres espadas, tres pares de excellentes pistolas, munições para tornar a carregar, e o boleiro, além da faca de mato, está provavelmente munido, segundo o costume, de uma boa faca de Valença.

— Quem é que não sabe o que é o castello de Ghismondo? murmurou Estevão com uma voz abafada. Se estes illustres senhores têm curiosidade de o saber, estou habilitado para os satisfazer, porque meu pae, que Deus haja, entrou lá. Aquillo é que era um valentão! aquillo sim! Deus lhe perdôe por ter gostado demais da pinga! — N'isso não ha mal nenhum, interrompeu Boutraix; mas que diabo viu então teu pae no castello de Ghismondo?

— Conta-nos essa historia, replicou Sergy,

que era capaz de dar a vida por um conto phantastico. — Pois lá váe, replicou o boleeiro, até mesmo porque suas senhorias pode-

rão voltar para traz depois de me ouvirem, se o julgarem a proposito.

(Continúa)

## NO FUNDO DO MAR.

### I.

#### O Oceano



mar é, sem contestação, o espectáculo mais grandioso que a natureza nos offerece! Esse horizonte sem limites em que a vista se perde, essas linhas distantes, cuja tranquillidade nenhum accidente interrompe, são, para o espirito pensador, como a imagem do infinito. A imaginação povoa de mysterios os abysmos transparentes em que os olhos se fixam com receio, e dos quaes ninguem pode ainda contemplar a immensa profundidade.

Porém, quando as vagas se levantam como montanhas para desfazer em poeira o granito das penedias, o coração, sentindo melhor a propria fraqueza, enche-se de terror á vista da omnipotencia de Deus. Quer o sol se apague no seio de um mar socegado, quer converta em pèrolas de fogo as gotas d'agua sacudidas pela tempestade; quer as ondas, por uma noite dos tropicos, se tornem rubras, e façam desmaiar o clarão da lua, quer se mudem em grutas de crystal, entre os eternos gélos dos pólos, a scena é sempre magnifica e cheia de magestade, e nenhum homem póde consideral-a com indifferença. Desperta sempre um entusiasmo santo, tanto na alma do poeta, como na do nauta; e o mais rude marinheiro, não póde, sem curvar o joelho,

vêr o pôr do sol nas solidões do mar alto. O homem abre cavernas profundas, deixa até algumas vezes o vestigio dos seus passos na neve eterna das montanhas: por toda a parte a terra conserva signaes do seu genio; mas quando os seus navios percorrem a extensão do Oceano, basta uma só vaga para lhe apagar a esteira; o mar esconde depressa esse signal passageiro de escravidão, e torna-se a mostrar tal qual foi nos primeiros dias da creação. Alli parece acabar o dominio do homem; nunca é sem perigo que elle procura estendel-o á custa do mar; e as ruinas, por cima das quaes os barcos passam, nos mostram que em parte nenhuma cede dos seus direitos.

O Oceano cinge por todos os lados' esses pequenissimos pontos de terra que nos pertencem, e que as marés parece quererem submergir a todos os minutos. As aguas occupam mais de tres quartas partes do globo, e quando se pensa em que os terrenos mais elevados dos continentes apenas excedem a sua superficie, admira que tenha havido quem negue a possibilidade do diluvio, de que os livros sagrados nos conservam a tradição. Pelo que nos diz respeito, quando vemos na carta as pequenas porções de terra que apparecem, e a immensa quantidade de agua, debaixo da qual todo o resto se acha submergido, succede-nos ás vezes comparar o homem com esses insectos apenas visiveis, que, nos dias amenos do estio, edificam, nas margens de um charcosinho, pequenas casas de argila: não vivem mais do que um dia, e trabalham sem descansar amontoando provisões para a velhice, creando os filhinhos, e vivendo, segundo parece, muito felizes aos raios quentes do sol. Mui-

las vezes as gerações nascem e morrem, sem que nada perturbe a sua existencia tranquilla. Mas se uma nuvem passa, ou se uma creança lança brincando uma pedra no meio do charco, o Oceano excede os seus limites; ai dos frageis edificios, o diluvio arrasta populações inteiras, cujos cadaveres amontôa em formidaveis abyssos da largura de um dedo. Bastaria inquestionavelmente qualquer leve transtorno na ordem immensa da creação, para que um cataclysmo similhante viesse destruir a terra, e aniquillar a raça humana! A sciencia descobre nos terrenos os assustadores vestigios do diluvio dos tempos passados.

As profundidades inexploradas do mar excitaram sempre a imaginação dos homens, e as investigações da sciencia, porque nada encanta tanto como o que é mysterioso. Ha muito tempo sabemos que não são solidões sombrias, cujas arêas movediças engolem para sempre, como tumulos abertos, os destroços dos naufragios, e em que a morte reina como unica soberana. A natureza, sempre tão fecunda, que leva o movimento e a vida até mesmo ás terras austraes, não abandonou os valles sub-marinhas ás trevas e ao silencio. A luz penetra até ao fundo d'esses valles, plantas magnificas guarnece as encostas, animaes de todas as fórmas podem viajar a grandes profundidades. Alli se vê um mundo todo de creaturas phantasticas, recordando, pela sua construcção, os primeiros habitantes do globo, cujos restos se encontram hoje mesmo nos cumes das montanhas. Poderia dizer-se que o mar, menos sujeito á influencia do homem, conserva ainda alguma cousa do mundo primitivo. Sustenta ao mesmo tempo entes, cuja grandeza nos assusta, e outros tão pequenos, que escapam á nossa vista: a balêa e o narval, os polypos e os cyclidos.

## II.

### Uma excursão ao fundo do mar.

Posto que as mais altas montanhas não excedam em altura, em relação á terra, as asperezas que se observam na casca de uma laranja, o homem é uma cousa tão pequena, que nem assim pôde chegar ao cume de todas. A' vista d'isto, como é que uma creatura tão debil, que precisa respirar dez vezes

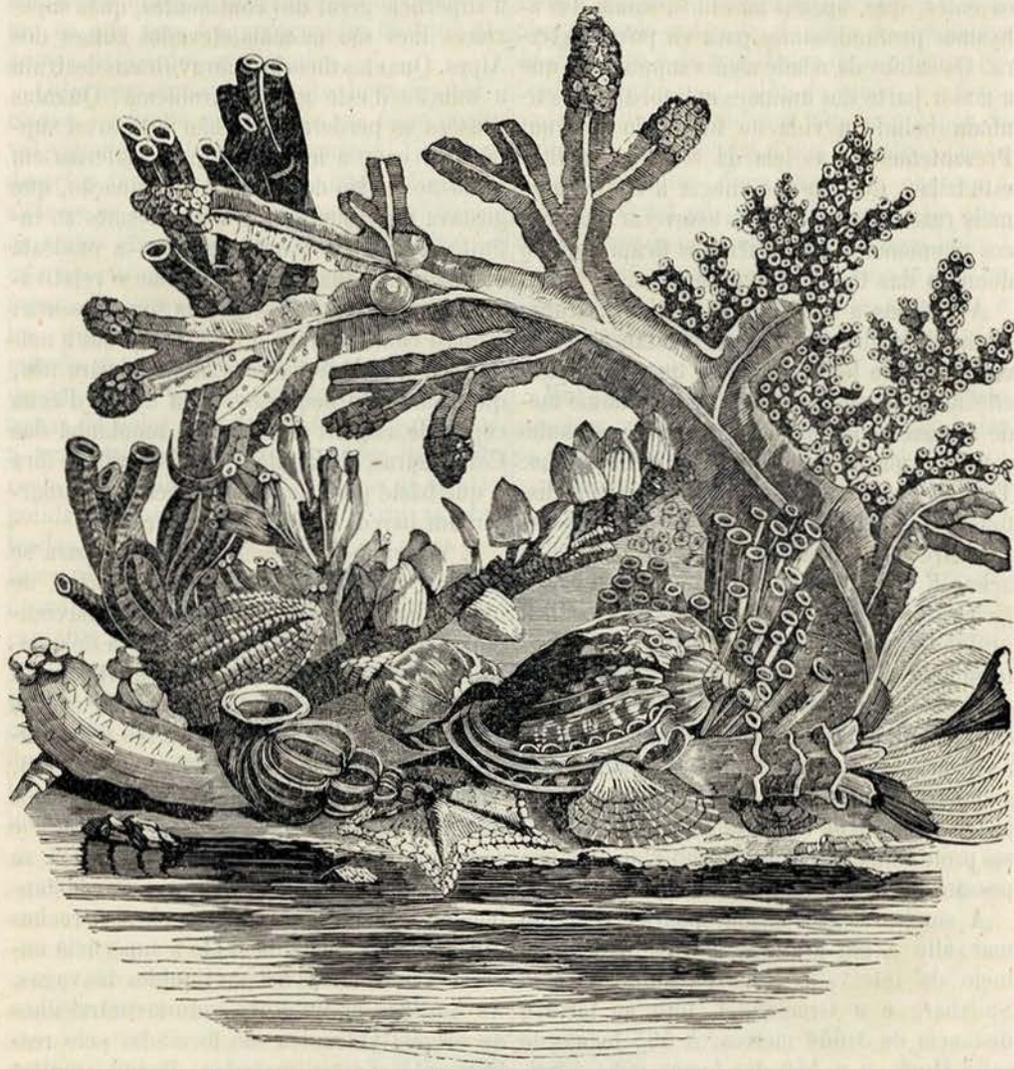
no breve espaço de um minuto, poderia, sem tomar o folego, descer á profundidade de mais de duas legoas?

O ar, que nos rodeia, opprime-nos como um pêso igual ao que teriamos que soffrer, se nos achassemos no fundo de um lago, cujas aguas tivessem dez metros de profundidade. A' proporção que subimos uma montanha, ou, melhor ainda, á medida que nos elevâmos n'um balão, a pressão de que se tracta, necessaria para conter o sangue que circula nas vêas, diminue de intensidade. O ar, mais rarefeito, obriga-nos a respirar muito mais depressa; experimentâmos exteriormente uma inchação dolorosa, dentro em pouco turva-se a vista, um estado vertiginoso se manifesta. Na altura de 7:000 metros, que é a maior a que um homem pôde chegar, um frio vivissimo gela os membros; o ar mal pôde já transmittir o som, e perde-se mesmo o sentido do ouvido. Depois o sangue, que uma pressão externa já não comprime, salta exteriormente pelos poros da pelle, o coração pára; é preciso descer... ainda um instante, e alguns metros mais acima, já não seria tempo. Por aqui vereis, meu charo leitor, que abandonar por uma hora a superficie do nosso globo, é ir affrontar os maiores perigos. Uma fraqueza assim, seria muito humilhante para nós, se as nossas almas não tivessem ao mesmo tempo o poder de se elevar até Deus.

Se queremos mergulhar nas aguas, o perigo chega ainda mais depressa. A 20 metros de profundidade os nossos orgãos são já comprimidos por um pêso tres vezes maior que o da nossa atmosphaera; além d'este termo (fizemos nós mesmo essa experiencia) é perigoso affrontar maior pressão. A quatro atmosphas, o sangue, muito comprimido nos membros, concentra-se nos orgãos profundos; a pelle torna-se livida; o coração abafado bate com muito custo, e o entorpecimento, precursor da morte, adverte-nos de que seria perigoso prolongar similhante estado por mais alguns momentos. Além d'isso, debaixo d'agua, só com muita difficuldade se pôde passar um minuto sem tomar a respiração. Apenas em Ceylão, onde os pescadores de perolas se habituam desde creanças, é que se encontra ás vezes um ou outro mais robusto, que pôde conservar-se tres minutos no fundo. É ver-

dade que, no sino mergulhador, se leva uma pequena provisão de ar, que, por meio de um mecanismo engenhoso, se póde renovar de espaço a espaço; mas, posto que notavel, aquelle apparatus, por meio do qual um homem póde demorar-se sem perigo duas ou tres horas no fundo do mar, não evita que a pressão atmospherica aumente; o ar comprime-se n'elle da mesma maneira á propor-

ção que se desce. Com o sino podem-se concertar os diques dos portos, trabalhando sem inconveniente na profundidade de 120 pés; mas não seria possível ir mais abaixo. Não temos, por consequencia, maneira alguma de penetrar nas ultimas profundidades do Oceano; porém a astronomia ensina-nos a calcular-lhes os limites, e a sonda traz nos as suas produções.



### III

**Seria possível descer ao fundo do mar?**

Não era realmente cousa muito facil chegar a conhecimentos positivos acerca do fundo

do mar. Reduzidos a recursos d'analogias mal estudados, e ás poucas experiencias dos mergulhadores, que podem, quando muito, descer alguns pes abaixo da superficie das aguas, os antigos tinham os mais estranhos systemas relativamente á geographia sub-marina. Ne-

nhum assumpto ha, que servisse de mina, tão fecunda á imaginação dos escriptores.

O inferno era para elles o unico limite do Oceano; os abysmos insondaveis, povoados de creaturas chimericas, os tritões, as seréas os famigerados dragões, faziam, por cima das sombras, um céu digno do reino da morte. Suppoz-se depois, que a natureza tinha lá em cavernas immensas os seus laboratorios, nos quaes trabalhava constantemente para formar os entes, que, apenas nascidos, saíam dos abysmos profundissimos para vir povoar a terra. Os sabios da idade media suppunham que a maior parte dos animaes extraordinarios tinham bebido a vida no fundo do Oceano. Presentemente, as leis da materia, melhor estudadas, deixam-nos chegar a conjecturas mais razoaveis; e podêmos asseverar que poucos phenomenos sub-marinheiros ficam hoje no dominio das theorias hypotheticas.

Avaliámos a profundidade do mar, graças aos auxilios que mutuamente prestam as sciencias. Sempre longe da terra, que não é para elle mais do que um ponto, o astrónomo mede a marcha dos planetas, e parece estranho a tudo o que se passa no nosso pobre globo. Todavia, para calcular com exactidão a distancia dos astros, era preciso que soubesse primeiro as dimensões do ponto em que se acha. É por esse motivo que conhecemos a fórma da terra, e que foi necessario medir a profundidade dos mares. Observando a intensidade d'acção exercida nos movimentos do nosso planeta pelo sol e pela lua, a influencia attractiva d'estes astros sobre as marés, e a elevação das aguas em diversas paragens o geometra Laplace, auctor da mechanica celeste, demonstrou rigorosamente que as maiores profundidades dos valles sub-marinheiros não passam de 8:000 metros.

A sonda chega, porém, poucas vezes no mar alto a tão grandes profundidades. No meio do intervallo comprehendido entre o Spitzberg e a Groelandia, toca na terra á distancia de 3:000 metros. A 185 leguas do cabo Horn, e a 140 das terras mais proximas, a expedição da *Venus*, largou, por um tempo de calma, uma linha á profundidade de 4:000 metros, e quando, depois de uma operação executada por 60 marinheiros, e que durou mais de duas horas, se trouxe o chumbo á superficie, viu-se que não havia tocado

no fundo; mas n'uma experiencia posterior, feita pelos mesmos sabios no Oceano Pacifico, a 230 leguas da terra, a sonda tocou em arêa a um fundo de 3:790 metros. Muitas outras experiencias, feitas com sondas nauticas da maior perfeição, confirmam perfeitamente os calculos de Laplace, e nos demonstram, que se um dia o Oceano seccasse, veriamos no seu leito regiões vastissimas, grandes valles, abysmos immensos tão inferiores á superficie geral dos continentes, quão superiores lhes são os mais elevados cumes dos Alpes. Quantas theorias maravilhosas destruiu a solução d'este grande problema! Quantas illusões se perderam! Já não é possível suppor o Oceano a ferver sobre as materias em fusão no centro da terra! A imaginação, que gostava de prolongar os seus abysmos ao infinito, tem de se contentar com a modesta distancia de duas leguas. O mar é relativamente ao globo, uma pellicula sem grossura: é quasi como a camada de orvalho que a noite deposita n'um fructo. Comtudo, para nós, que somos tão pequenos, uma massa d'agua capaz de engulir a mais alta montanha das Cordilheiras, deixando, quando muito de fóra o que baste para formar um recife, ou amarrear um barco, é ainda alguma cousa!

É um mundo immenso e curioso para se estudar; um mundo cheio de mysterios, de maravilhas magnificas, e cuja geographia completa tarde nos será dada pela sonda dos maritimos. O fundo do mar, desigual como a superficie dos continentes, apresenta cadêas de montanhas, de que as ilhas são os verdadeiros cumes. Este mundo tem, como o nosso, valles riquissimos, planicies fertes, e desertos incultos; mas com florestas, com animaes, e com um céu que lhe é particular. Alli se vêem immensas crateras, brazeiros constantemente ardentes, d'onde saem lavas e rochas inflammadas, que sobem até á superficie onde vem levantar as massas liquidas das vagas. As Antilhas, as Maldivas, e muitas outras ilhas de origem vulcanica são formadas pelo resfriamento d'estas materias. Depois, muitas vezes, longe da terra, os viajantes encontram columnas enormes d'agua doce e quentissima, que fervem com medonho estrondo na superficie do Oceanø, tendo atravessado, sem se confundirem com ellas, camadas espessas d'agua salgada. Um d'estes singulares repu-

chos, eleva-se no meio do golfo de Sperzia. Na bahia de Xagua, a duas ou tres milhas da terra, ha nascentes d'agua doce que saltam com tanta força do mar, que os barcos não podem sem perigo aproximar-se d'elles. Sujeito, emfim, ás mesmas revoluções, que a superficie da terra, o leito do mar estremece muitas vezes, ergue-se em ilhas novas, ou sepulta as antigas; e a natureza, sempre activa e laboriosa, poderia alli offerecer aos nossos olhos cataclysmos tão terriveis como os que vem frequentemente destruir algumas partes dos continentes.

Quantas cousas interessantissimas descobririamos no fundo do mar, se nos fosse possível viajar por elle á nossa vontade! Veriamos desertos immensos d'arêas, onde vão depositar-se os destroços de todos os naufragios, os restos ignorados das gerações mortaes, e os mais curiosos testemunhos da industria humana. Poderiamos ir seguindo estreitos valles, que são como as arterias d'este novo mundo, e por onde passam as correntes que, desde o polo até ao equador, misturam as aguas de todos os mares para lhes equilibrar a temperatura. Veriamos grandes linhas de rochedos despídos, mostrandó-nos as arestas polidas de jaspe, de granito, de ruivas prateadas, crystallizações metallicas, cujas mil faces reflectem todas as cores do arco iris, e formam em muitos logares como grutas encantadas. Passariamos por vastas planicies de madre-perola, de coral vermelho, de arbutos de fôrmas estranhas, cujos ramos petrificados são despídos de folhas. Teriamos, emfim, que atravessar prados verdejantes, cobertos de plantas singulares, e de florestas immensas, de *florideãs*, que vem respirar o

ar á superficie, posto que ferrem as raizes a 500 pés de profundidade.

Teriamos por cima da cabeça um céu liquido cem vezes mais azul do que o nosso, cortado em todas as direcções por animaes phantasticos; onde balêas enormes nadam com a mesma facilidade com que as aguias vôam nos ares, e descansam como estas nos rochedos a prumo das mais altas montanhas. Quem sabe a que espectáculo a natureza nos faria assistir sob uma pressão de oitocentas atmosferas, onde um globo de ferro de um palmo de diametro e de tres dedos de espessura re-bentaria como uma bolha de sabão, e a força poderosissima da polvora não seria capaz de fazer sair uma bomba d'um morteiro! Quem sabe se debaixo d'um peso tão enorme a agua penetrará nos poros da pedra e do marmore, fazendo-os transparentes como vidro? Talvez então podessemos ver como se operam as crystallizações das substancias mineraes, e as diversas combinações dos seus elementos.

Mas parece que a natureza só deixa a custo penetrar os grandes mysterios em que todos os dias trabalha em volta de nós, como para convidar o homem a vencer, pela actividade da razão, a imperfeição dos seus orgãos. O trabalho, a que ella se entrega em tão grandes profundidades, é apenas por ora presentido; porque, para assistir a tantas maravilhas, para surprehender os segredos d'esses mimosos laboratorios, seria mister supportar um pêso de 900:000 kilogrammas, capaz de reduzir o corpo humano ao tamanho de um ovo!

(Continúa).



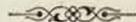
## JERUSALEM.



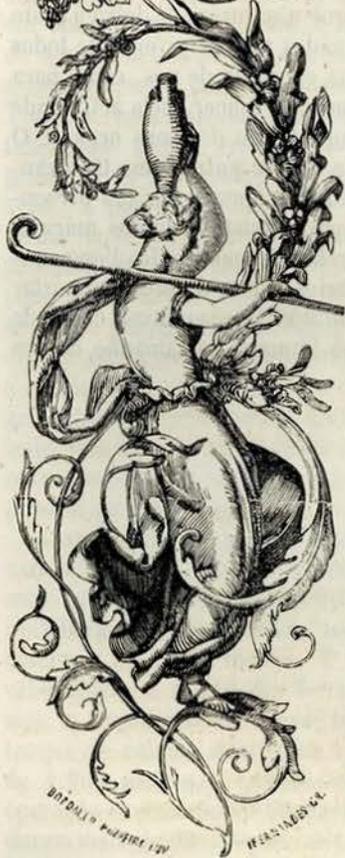
Como assim solitaria está assentada  
uma cidade cheia de povo: chegou a  
ser uma como viuva a senhora das  
gentes.

JEREMIAS.

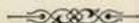
Quem tivera a lyra d'ouro  
Dos prophetas de Sião!  
Quem vira as terras da Syria,  
Por onde corre o Jordão!  
Quem vira os campos despidos,  
Os muros encanecidos  
Da velha Jerusalem,  
Que nas partes do Oriente  
Brilha ainda a luz fulgente  
Do astro de Bethem.



Teu nome é grave poema,  
O' sacro-santa cidade,  
Escrepto em letras de sangue  
Nos fastos da humanidade.  
Um brado teu no Oriente  
Resolveu todo o Occidente,  
Dobrou a cerviz do mar:  
Abalou fortes imperios,  
Fez em vastos cemiterios  
Tuas arêas tornar.



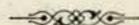
Quem não tem curvado a fronte,  
Sob as arcadas sombrias,  
Ouvindo o orgão chorando  
C'o pranto de Jeremias?  
Quem não ouviu pelas naves  
Passar os cantos suaves  
Dos poetas da Judéa?  
Quem, entre aquella harmonia,  
Não bebe o fel d'agonia  
Da cidade que prantéa?!



Jerusalem, a senhora,  
A rainha d'Israel!  
Aquella patria soberba  
Cantada por Daniel!  
Que recordações de gloria!  
Quantas paginas d' historia  
N'este nome de Sião!  
Quem não pensou um instante  
N'aquelle drama gigante  
De Christo, da Redempção?!

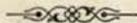


Magos poetas da Syria,  
Inspirados pelos céus,  
Lyras sagradas da Biblia  
Chorando a ira de Deus,  
Vossa passagem no mundo  
Foi um gemido profundo,  
Um grito d'escravidão;  
E vossas sombras sagradas  
Choram inda debruçadas  
Sobre as aguas do Jordão.

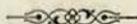


Oh! se eu escutar podéra  
Do deserto a briza ardente,  
Dos rios de Babylonia  
Sobre a languida corrente!  
Se beijar podéra os traços,  
A senda de vossos passos  
Nas terras do captiveiro;  
Se o echo de vossas magoas  
Ouvira gemer nas aguas,  
E nas folhas do salgueiro!

Não posso; a mão do destino  
Prendeu-me em terra distante;  
Do vosso inspirado engenho  
Sigo a estrella scintillante;  
E escuto a voz divina  
Das harpas da Palestina,  
Dos psalmos do rei cantor;  
E colho as flores caídas,  
As lagrimas desparzidas  
Sobre a terra do Senhor.



Deixo vagar os meus olhos  
Sobre as paginas da historia,  
E pelas trevas do tempo  
Vejo brilhar vossa gloria;  
Vejo, nas remotas éras,  
Passar as sombras austeras  
Dos velhos reis de Judá,  
Cujos tumulos desertos  
Fixam, já entre-abertos,  
O valle de Josaphat.



Os tempos fogem debalde  
P'ra ti, ó Jerusalem,  
P'ra ti, cidade guardada  
Pelo Golgotha e Belem!  
P'ra ti, que ostentas d'um lado  
Esse berço consagrado.  
D'uma crença sem igual,  
E do outro a sepultura,  
Que trago a raça impura  
D'imperio quasi immortal!



Que importam chagas abertas  
Pelo ferro, e a escravidão,  
P'ra ti, a eterna cidade  
De David, e Salomão?  
Vês Babylonia deserta,  
Sua memoria coberta  
Do lôdo das tradições;  
E a estrella dos teus magos,  
Por cima de teus estragos,  
Brilha aos olhos das nações.

Teus patriarchas dormiam,  
Em sua eterna mansão,  
Escutando a voz das aguas  
Da torrente do Cedrão,  
Junto do valle sagrado,  
E pelos céus destinado  
P'ra julgar a humanidade;  
D'esse valle de mysterios,  
Que tem de vêr os imperios  
Entre o mundo e a eternidade!



E veio o ferro acordal-os  
De Nabuchodonozor,  
Instrumento dissoluto  
Das justiças do Senhor:  
E suas cinzas dispersas  
Foram na terra submersas  
Com o teu templo sem par:  
O ouro de teus altares  
Gasto nos impios folgares  
Do devasso Balthazar.

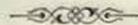


Chorae, prophetas sagrados,  
Chorae, filhos de Sião,  
Escravos de Babylonia,  
Da mãe da devassidão!  
Vossas tribus perseguidas,  
Vagam tristes, e perdidas  
Nos desertos de Judá;  
Chorae, porque o vosso pranto  
Vae erguer o denso manto  
Das iras de Jehovah.



Eis emfim, eis d'Izaías  
A prophécia de pé!  
Curvae, ó reis, o joelho,  
Que outro rei nascido é:  
Outro rei, que a um sópro escasso  
Dispersa os astros no espaço,  
E povôa a immensidade!  
Outro rei, muito diverso,  
Que tem aos pés o universo,  
E na mão a eternidade!

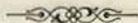
Jerusalem, foi immenso  
Qual teu nome o crime teu:  
Que o diga, no mundo errante,  
O resto do povo hebreu;  
Que o diga a cruz do martyrio,  
Que em teu nefando delirio  
Viste do monte Sião;  
Que o diga Israel inteira,  
Vergando em terra estrangeira  
Co' o pêso da execração.



Quem pôde pintar agora  
As tuas tribulações,  
Ora captiva, por terra,  
Ora orgulho das nações?  
Ora vendo o sol d'Oriente  
Deslumbrar do mundo a gente,  
Mostrando-lhe a cruz divina,  
Ora no lôdo arrastada  
Pela torrente abrazada  
Da tormenta de Medina.



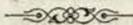
Bradaste, e todo o Occidente  
A teu brado estremeceu!  
E o turbilhão das cruzadas  
Os imperios revolveu!  
Vêde as arêas ardentes,  
Testimunhas indifferentes  
Dessa guerra colossal;  
Os feitos de Godofredo,  
De Balduino e Tancredo,  
Heroes do Tasso immortal.



Agora triste, esquecida,  
Pobre filha d'Israel,  
Vês teu templo profanado  
Pela planta do infiel!  
A voz chorosa do vento  
É para ti como um lamento  
Na harpa de Jeremias:  
És cidade de tristezas,  
Passou nas tuas grandezas  
O sópro das prophécias.

Mas tu não podes morrer,  
 Não podes, santa cidade;  
 Tu vives só do passado,  
 De lembranças, de saudade;  
 Póde o tempo fugitivo  
 Esmagar imperio altivo,  
 Consumir as gerações;  
 Mas não roubar á memoria  
 Todo esse livro d'história,  
 Guardado nas tradições.

Tu vives de cada pedra,  
 Que marca um passo de Deus,  
 Da estrella que aos tres reis magos  
 Dirige os passos dos céus;  
 Vives de passadas magoas,  
 Do gemer das pobres aguas  
 Da fonte de Siloé;  
 E d'angelica poesia,  
 Da vaga melancolia  
 Da Virgem de Nazareth.



Tu vives de teus prophetas,  
 De Jerichó, do Jordão,  
 Da Judêa, do Mar-morto,  
 Da gloria de Salomão;  
 Vives da vida do mundo,  
 Desses mysterio profundo  
 Da vida do Redemptor!  
 Tens ainda regio manto,  
 Por throno o sepulchro santo,  
 Por sceptro a cruz do Senhor!

Outubro de 1849.

L. CORRÊA CALDEIRA.

## BALBEK.

**U**m dia, tinha atravessado os altos de Sannim, cobertos de neves eternas, e havia descido do Libano, coroado com o seu diadema de cedros, ao deserto nú e estéril de Heliopolis. No fim de uma jornada extensa e ardua, no horizonte ainda distante, sobre as faldas das montanhas negras do Anti-Libano, um grupo immenso de ruínas douradas pelos ultimos raios do sol, se destacavam da sombra dos montes, e repercutiam os fogos do poente. Os guias apontavam para ellas, e gritavam: Balbek! Balbek!

Era com effeito a maravilha do deserto, a fabulosa Balbek, que saía resplandecente do seu sepulchro mysterioso, para nos fallar d'essas edades de que a historia perdeu a lem-

brança. Iamos andando devagar, por causa da fadiga dos cavallos, com os olhos fixos nos muros gigantescos, nas columnas deslumbrantes, que pareciam estender-se e crescer á medida que nos aproximavamos; um silencio profundo reinava entre toda a nossa caravana; todos receiavam perder uma impressão d'aquella scena, communicando o que sentiam. Os proprios arabes se calavam e pareciam beber um pensamento grave e profundo n'aquelle espectaculo, que nivela todos os pensamentos. Chegámos, enfim, aos primeiros pedaços de marmore, aos primeiros fragmentos de columnas, que os tremores de terra têm arremessado a mais de uma milha de distancia dos monumentos a que pertenciam, assim co-

mo o furacão sacode e leva comsigo as folhas sêccas que arrancou das arvores. As pedreiras largas e profundas que laceram, como desfiladeiros, as encostas negras do Anti-Libano, abriam já os seus abysmos sob os pés dos nossos cavallos. Aquellas extensas bacias de pedra, cujas paredes conservam ainda fundos vestigios do instrumento que as abriu, para d'ellas tirar outras collinas de pedra, mostravam ainda alguns penedos gigantescos meio separados da base, e outros inteiramente tallados em todas as quatro faces, e que pareciam não esperar mais do que os carros ou os braços de gerações de gigantes para se moverem. Uma d'aquellas pedras brutas de Balbek tinha setenta e dois pés de comprimento sobre vinte e quatro de largura e dezeseis de espessura. Um dos arabes, apeando-se do cavallo, deixou-se escorregar pela pedreira, e, servindo-se das desigualdades, filhas do escopro, e dos musgos que tinham nascido em outras partes, subiu áquelle pedestal, e correu por cima da plataforma dando gritos selvagens; mas o pedestal esmagava com o seu volume o homem dos nossos dias; o homem desaparecia perante a sua obra. Seria precisa a força reunida de sessenta mil homens do nosso tempo para erguer apenas esta pedra; e as plataformas dos templos de Balbek tem-as ainda mais collossaes, levantadas a vinte e cinco ou trinta pés acima do chão, para sustentar columnatas proporcionadas a similhantes bases!

Proseguimos no caminho, tendo á esquerda o deserto, e á direita as ondulações do Anti-Libano, costeando alguns pequenos campos cultivados pelos arabes pastores, e o leito de uma torrente larga, que serpentea por entre as ruinas, e nas margens da qual crescem algumas bellas nogueiras. A acropolis, ou a collina artificial, em que se erguem todos os grandes monumentos de Heliopolis, apparecia-nos aqui e alli por entre os ramos, e por cima das arvores; descobrimol-a, finalmente, toda, e a caravana parou como por um instincto electrico. Não ha penna nem pincel que possa descrever a impressão, que este só lançar d'olhos desperta na alma; debaixo dos nossos pés, no leito da torrente, no meio dos campos, em roda de todos os troncos d'arvores, pedras immensas de granito vermelho ou cinzento, de porphyro sanguineo, de marmore branco, de pedrã amarella, brilhante como o

marmore de Paros, toros de columnas, capitais esculpidos, architraves, volutas, cornijas, cimalthas, pedestaes, membros espalhados e que parecem palpitantes, estatuas caídas com o rosto no chão, tudo isto confuso, em grupos, disseminado em milhares de fragmentos, e surgindo de todos os lados, como a lava de um vulcão, que vomitasse os destroços d'um grande imperio! Ha apenas um carreiro para se passar a través de todos estes restos das artes, que cobrem o chão todo; e as ferraduras dos cavallos escorregavam e batiam a cada passo no acantho polido dos capitais, ou no seio de neve de algum corpo truncado de mulher. Sómente a agua da ribeira de Balbek rompe por entre os montes de fragmentos e lava, murmurando, as fracturas dos marmores que lhe cortam a corrente.

Além d'aquellas espumas de ruinas, que formam como um verdadeiro cabedelo de marmore, está a collina de Balbek, plataforma de mil passos de comprimento, de setecentos pés de largura, construida toda, pelas mãos dos homens, de pedras de cantaria, algumas das quaes têm de cincoenta a sessenta pés de comprimento sobre vinte e dois de elevação, sendo porém a maior parte de quinze a trinta; aquella collina de granito cortado mostrava-se-nos, pela sua extremidade oriental, com as suas bases immensas, e os seus revestimentos incommensuraveis, onde tres pedaços de granito formam cento e oitenta pés de desenvolvimento, e perto de quatro mil de superficie, com as vastas entradas das suas abobadas subterraneas, nas quaes a agua do rio se abysmava espumando, e em que o vento soltava, juntamente com as aguas, murmurios similhantes ao dobrar distante dos grandes sinos das cathedraes. Sobre aquella plataforma immensa, a extremidade dos grandes templos destacava-se, côr de ouro, do horizonte de purpura. Alguns d'aquelles monumentos desertos pareciam intactos, e que acabavam de sair das mãos do artista. Outros não apresentavam mais do que restos apenas de pé, columnas isoladas, lanços de muralhas inclinadas, e frontões demolidos. As sete columnas gigantescas do grande templo, sustentando ainda magestosamente o seu rico e collossal entablamento, dominavam toda aquella scena, e perdiam-se no céu azul do deserto, como um altar aereo para sacrificios de gigantes.